



**UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA
MESTRADO PROFISSIONAL EM PSICANÁLISE, SAÚDE E SOCIEDADE
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU**

Mônica Henriques de Araujo Pereira

**A PARANOIA E A AGRESSIVIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO ESTUDO DA CRIMINOLOGIA**

RIO DE JANEIRO

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Mônica Henriques de Araujo Pereira

**A PARANOIA E A AGRESSIVIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO ESTUDO DA CRIMINOLOGIA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Quinet

RIO DE JANEIRO

2010

**DIRETORIA DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTU SENSU*
E DE PESQUISA**

Rua Ibituruna, 108 – Maracanã
20271-020 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2574-8871 - (21) 2574-8922

FICHA CATALOGRÁFICA

P436p Pereira, Mônica Henriques de Araujo

A paranoia e a agressividade: contribuições ao estudo da
criminologia / Mônica Henriques de Araujo Pereira, 2011.

83f. ; 30 cm.
Digitado (original).

Dissertação (Mestrado) – Universidade Veiga de Almeida,
Mestrado Profissional em Psicanálise, Saúde e Sociedade, Rio de
Janeiro, 2011.

Orientação: Prof. Dr. Antonio Quinet

1. Paranóia – estudo de casos. 2. Agressividade (psicologia).
3. Criminologia (psicologia). 4. Psiquiatria forense. 5. Violência –
aspectos psicológicos. I. Quinet, Antonio. II. Universidade Veiga de
Almeida, Mestrado Profissional em Psicanálise, Saúde e Sociedade.
III. Título.

CDD – 616.89

MÔNICA HENRIQUES DE ARAUJO PEREIRA

A PARANOIA E A AGRESSIVIDADE: CONTRIBUIÇÕES AO
ESTUDO DA CRIMINOLOGIA

Dissertação apresentada ao programa de Pós Graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida por MÔNICA HENRIQUES DE ARAÚJO PEREIRA, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicanálise, Saúde e Sociedade.

Área de concentração: Psicanálise e Saúde
Linha de pesquisa: Prática Psicanalítica

Aprovada em 14 de Dezembro de 2010.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Antonio Quinet
Orientador

Prof. Dr. Edson Sagesse
Examinador

Prof.^a Dr.^a Vera Pollo
Examinadora

Dedicatória

Aos meus filhos, Guilherme e Elizabeth, por seus comentários e contribuições sempre bem-vindos ao meu trabalho, pela forma carinhosa de se fazerem presentes na minha vida e, sobretudo, pela nossa adorável convivência. Ao pequeno João Pedro, que nasceu no decorrer do mestrado e nos encheu de alegria. Vocês são a bússola que me conduz nos caminhos da vida!

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Antonio Quinet, que soube me acolher com a generosidade digna de um grande mestre. O meu agradecimento eterno pelas suas orientações preciosas e precisas.

Aos meus pais, Arlindo e Gláucia, pelo apoio e amor sempre presentes na minha vida.

Ao Rogerio Freire Machado, por seu amor iluminado.

Aos professores Vera Polo e Edson Saggese, pelas importantes orientações e questionamentos dados no exame de qualificação.

A Rosanne Grippi, pelas contribuições imprescindíveis que tornou possível este trabalho.

A coordenadora do mestrado, Glória Sadala, pela forma decidida e carinhosa com que o conduz e por ter me dado todo o apoio durante o período que fiquei de licença maternidade.

E principalmente, a todos os pacientes do Ambulatório de Saúde Mental do Município de Macaé, atendê-los é para mim um privilégio! E se escrevo é por uma única razão: para entendê-los. O meu muito obrigado pela confiança que depositam no meu trabalho.

RESUMO

A paranoia e sua relação com a criminalidade é o tema desta dissertação. Trabalhando no viés da clínica psicanalítica, com Freud e Lacan, consideramos a paranoia como uma das formas da psicose. Fazemos um percurso histórico do conceito de paranoia, desde a psiquiatria clássica até as questões originais postuladas por Lacan. Tomamos um caso de nossa clínica, o qual motivou este estudo, assim como o caso Aimée e o crime das irmãs Papin, ambos analisados por Lacan. Nesses são cometidos atos de extrema violência levada ao crime. Nosso caso, aqui denominado caso Augusto, tem em sua fala a possibilidade de cometer um ato criminoso. Diferentemente dos casos lacanianos, Augusto endereça à analista, em análise, sua construção delirante. Assim, esta dissertação procura investigar o que pode a psicanálise diante do crime.

Palavras-chave: psicanálise; psicose; paranoia, crime.

ABSTRACT

The focus of this dissertation is the study of paranoia and its relation with crime. Having based this paper on the theories of Freud and Lacan, we agree that paranoia is one of the of the clinical types of psychosis. We go through some important moments along the history of psychiatry which concern the concept of paranoia, starting from the classical psychiatry concepts as regards the term paranoia up to the original questions brought up by Lacan. Just like Lacan with Aimée and the Papin sisters, his most important cases involving crime and psychosis, we also got inspired by an example extracted from our practice. Such cases illustrate how extreme violence may lead to crime. In our case, the patient, fictionally named Augusto, finds his way out so as to imaginarily commit a crime. Unlikely the former cases dealt with by Lacan, Augusto constantly addresses his delirious construction to the analyst all along his analysis. That being so, we intend to investigate in which aspects psychoanalysis may help us understand the acts involving crime.

Keywords: psychoanalysis; psychosis; paranoia, crime.

SUMÁRIO

INTRUDUÇÃO	9
1 O CASO CLÍNICO: AUGUSTO, JUTICEIRO OFFSHORE	12
1.1 O INCONSCIENTE A CÉU ABERTO	19
1.2 DISCUSSÃO DIAGNÓSTICA	23
1.2.1 Paranoia	23
1.2.2 Esquizofrenia	25
1.2.3 Melancolia	27
2 SOBRE A PSICOSE	30
2.1 O MITO E O COMPLEXO DE ÉDIPO	30
2.1.1 O complexo de Édipo freudiano	32
2.1.2 O Édipo em Lacan	37
2.2 A PSICOSE E A FORACLUSÃO DO NOME-DO-PAI	39
2.2.1 A Psicose	39
2.2.1.1 <i>Lacan e a psicose</i>	44
2.3 A PARANOIA NA HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA	47
3 A LEI E O CRIME	55
3.1 <i>TOTEM E TABU</i> E A INSTAURAÇÃO DA LEI	57
3.2 A CRIMINOLOGIA	59
3.3 O CRIME NA PARANOIA: O CASO AIMÉE E O CASO DAS IRMÃS PAPIN ..61	
3.3.1 O caso das irmãs Papin	61
3.3.2 O caso Aimée	63
3.4 DISCUSSÃO DIAGNÓSTICA DOS CASOS	66
CONCLUSÃO	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76
ANEXO: PRODUTO DA DISSERTAÇÃO	79

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado começou a ser pensada quando assumimos um lugar no Ambulatório Público de Saúde Mental do Município de Macaé, no estado do Rio de Janeiro, em 2006. Nada se compara ao ambiente de um ambulatório público. A quantidade de sintomas e a variedade com que eles se apresentam na clínica, juntamente com o grande número de atendimentos diários, produzem um enorme aprendizado. Trata-se de um ambiente fértil para os pesquisadores interessados nas questões sobre o tratamento da psicose, em particular, da paranoia. Destarte, consideramos o trabalho no ambulatório público um privilégio!

Um caso de psicose paranoica nos foi encaminhado no referido Ambulatório de Saúde Mental, em que a questão do paciente com atos violentos permeia sua fala em todas as sessões. Para além da fantasia, mas os atos relatados pela ex-namorada confirmam cenas em que ações de extrema violência física e verbal foram empregadas pelo paciente. Ademais, esse paciente construiu um plano para matar seus algozes. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é propor a seguinte questão: estariam os paranoicos mais vulneráveis a cometer um ato agressivo que pudesse facilmente resultar em um crime? E ainda: na clínica, que lugar ocupa o psicanalista diante dessa hipótese?

Para investigar essas questões, percorreremos os conceitos de psicose e sua modalidade, a paranoia — do ponto de vista da psicanálise e da psiquiatria clássica —, assim como faremos um pequeno estudo sobre a lei e o crime. Para isso, utilizaremos como referencial teórico os conceitos freudianos e lacanianos sobre o tema. A questão do diagnóstico em psicanálise é de fundamental importância, tendo em vista que é ele que dá a direção do tratamento na clínica. Entretanto, fazer um diagnóstico muitas vezes não é tarefa fácil, pois os fenômenos produzidos pelo paciente, por vezes remetem a tipos clínicos diferentes. No primeiro capítulo,

apresentaremos um caso clínico que ilustrará e dará a direção do que será desenvolvido nos capítulos posteriores, pois foi esse caso que suscitou o desejo de desenvolvermos esta dissertação. A apresentação do caso clínico será conduzida pelo aforismo lacaniano: “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (LACAN, 1953/1998, p.255), pois a escuta dos fenômenos de linguagem fazem com que um analista atento possa dar a direção ao tratamento na clínica: é a escuta analítica da estrutura do sujeito regido pelo inconsciente. Nos casos de psicose, o analista na clínica se depara com fenômenos de linguagem, os delírios e as alucinações, que são manifestações do simbólico retornando no real.

No segundo capítulo será desenvolvido o estudo da psicose como estrutura clínica, através do retorno proposto por Lacan ao trabalho freudiano. Assim, tendo em vista que a escolha do sujeito se dá em sua travessia pelo Édipo, releremos com Lacan a travessia edipiana do sujeito, em seu quinto seminário sobre as formações do inconsciente (LACAN, 1957–58/1995), no qual Lacan trabalha os textos freudianos sobre o tema — “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, “A organização genital infantil”, “A dissolução do complexo de Édipo” (FREUD, 1905; 1923; 1924b/1980), que serão também abordados.

O conceito central do estudo sobre a psicose feito pela psicanálise é a *Vewerfung* freudiana, à qual Lacan propõe o termo *forclusion*, traduzida para o português como foraclusão. A foraclusão do Nome-do-Pai, em que o tempo para o recalque foi perdido, será trabalhado ainda no segundo capítulo a partir do *Seminário, livro 3: as psicoses* (LACAN, 1955–56/1988), e em seu escrito “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (Idem, 1955/1998). Para esse estudo, recorreremos a Antonio Quinet (QUINET, 2002; 2004; 2006a; 2006b). Será trabalhado também um breve histórico do conceito da paranoia, uma das formas da psicose, através do clássico caso do presidente Schreber (FREUD, 1911/1980), do qual extraímos preciosas dicas clínicas dadas por Freud.

No terceiro capítulo, os temas agressividade e crime serão estudados à luz da psicanálise. Para pensarmos sobre os atos violentos, da mesma maneira que Eisten, interrogaremos Freud “Por que a guerra?” (FREUD, 1933 [1932]/1980). Se para os crimes são previstas as leis, trata-se de qual lei para psicanálise? Para falar sobre a instauração da lei na cultura, Freud recorre ao mito “Totem e tabu” (1913 [1912–13]/1980), em que a lei se instala trazendo consigo a interdição primordial: a interdição do incesto. Sobre as questões do crime e o estudo da criminologia,

faremos um breve percurso nas principais contribuições dos pensadores sobre a investigação criminológica, com Thomas Morus, passando por Beccaria até chegar em Lombroso. Este tem sua obra considerada, até os dias de hoje, como referência indispensável no campo da criminologia. Veremos o porquê disto.

Para desenvolver a relação entre crime e paranoia, proposta neste trabalho, recorreremos ao comentário de Lacan sobre “O crime das irmãs Papin” e o “Caso Aimée”. Ambos se encontram em sua tese de doutoramento em psiquiatria, de 1933, editada em português sob o título *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade* (LACAN, 1932/1987), na qual Lacan faz uma leitura da psiquiatria clássica. Faremos uma comparação desses casos com o caso de nosso paciente, pois pensamos encontrar alguma similaridade entre eles.

Com a realização desta dissertação, esperamos contribuir para a clínica da psicose e corroborar com a máxima lacaniana que diz que um psicanalista não deve recuar diante dela. (LACAN, 1955/1998).

1 O CASO CLÍNICO: AUGUSTO, JUSTICEIRO *OFFSHORE*

Em agosto de 2006, Augusto — nome que daremos ao nosso paciente —, um homem moreno claro, com 27 anos, alto, corpo musculoso, denotando muito trabalho de musculação e halterofilismo, e com diversas tatuagens, chega para atendimento no Ambulatório de Saúde Mental do município de Macaé, onde trabalhamos como psicanalista. Em destaque em seu antebraço, uma tatuagem do rosto de Che Guevara. Perguntado quem é a figura tatuada, responde que não sabe! Quando procurou o serviço do Ambulatório, Augusto estava afastado do trabalho havia três meses, cuja função era *homem de área* em uma plataforma marítima de petróleo, na Bacia de Campos.

Para a apresentação do caso, primeiramente, achamos relevante contextualizar o trabalho em uma plataforma de petróleo, pois, como veremos, ele apresenta especificidades que remetem ao isolamento e muita pressão psicológica para os trabalhadores *offshore*.

Uma plataforma marítima de petróleo é uma ilha de aço flutuante, sobre base totalmente flutuante, distante de qualquer outro vestígio de civilização, que não ela própria, e de onde é impossível avistar terra firme. O acesso a essa ilha se dá por meio de helicópteros ou barcos. Recebe do mundo exterior água doce, alimentos e materiais para o seu funcionamento. Ela é capaz de produzir energia elétrica, de perfurar poços submarinos de petróleo em lâmina de água de até 1.900 m, com profundidade total de até 7.600 m; possui população média de 150 habitantes, que se renovam a cada sete dias.

Os trabalhadores brasileiros *offshore* — aqueles que trabalham embarcados na costa — deixam suas casas, só retornando quatorze ou trinta dias depois, dependendo do regime de embarque. A maioria trabalha em turnos de doze horas

diárias, com revezamento ininterrupto, o que permite a operação contínua da unidade.

Quando um trabalhador *offshore* sai para trabalhar, segue um procedimento específico e rígido. No aeroporto, é feita uma vistoria na bagagem de cada trabalhador, que é limitada em peso, à procura por drogas, bebidas alcoólicas, armas e outros produtos proibidos a bordo. Em seguida, assistem um vídeo com os procedimentos de segurança específicos da aeronave que os conduzirá para a plataforma. Na sequência, os passageiros se deslocam para a pista do aeroporto e junto à aeronave recebem um colete inflável e participam de uma pequena palestra com o copiloto, chamada de “*briefing* de segurança”, sendo então liberados para, finalmente, embarcarem no helicóptero. Após terem afivelado o cinto de segurança e colocado um protetor de ruído nos ouvidos, pois o barulho durante o percurso é ensurdecador, inicia-se o procedimento de voo.

Ao chegarem à plataforma, todos são conduzidos a uma sala de recepção onde assistem a outro *briefing* com os técnicos de segurança e de enfermagem, e também com o mestre de cabotagem, que falará sobre as atividades em curso na unidade, seus riscos, os procedimentos de segurança e administrativos, os horários etc. Enfim, é feito o registro do nome, endereço e telefone de uma pessoa para contato em caso de acidente; recebem dois sabonetes para o banho e a indicação de seu camarote — para os que embarcam pela primeira vez, ainda há a rotina de conhecer o local dos principais dispositivos de segurança e instruções para o abandono da unidade. Então, são levados aos seus camarotes, onde trocam a roupa pelo macacão de trabalho, que é igual para todos, e iniciam o período de embarque.

Todos os trabalhadores dispõem de alimentação abundante, roupas de trabalho, serviço de arrumação de quarto, salas de recreação, de ginástica, de cinema e TV. Há posto médico com enfermeiros vinte e quatro horas por dia, remédios e equipamentos hospitalares.

O trabalho é perigoso, apresenta os riscos de uma instalação densamente povoada somados aos riscos adicionais do material que é produzido, o petróleo. As sondas de perfuração trabalham vinte e quatro horas por dia durante todo o ano, só parando em casos de manutenções ou melhorias programadas.

Mas o que vem a ser um *homem de área*, função que Augusto exercia? São trabalhadores contratados que executam os trabalhos pesados, como a manipulação de materiais no convés da plataforma e o recebimento de cargas de embarcações —

tubos de perfuração (*drill pipes*), revestimento de poço, material para a confecção de lama e de cimentação de poços. Nessas atividades, são expostos a agentes nocivos e a riscos de acidentes, e trabalham sob constante estresse. É um trabalho que exige força e resistência física, uma vez que manipulam cargas pesadas no convés da plataforma; e pequenos descuidos podem levar a grandes prejuízos para a atividade e também para integridade física. É um cargo que necessita boa disposição e até certo vigor físico, característica observada de imediato em Augusto.

Há um mito no universo das empresas e dos trabalhadores *offshore* que apregoa que só os mais aptos sobrevivem a esse regime de trabalho. Possuem uma relação da ordem do sagrado para com o trabalho, têm orgulho de ser petroleiros por poderem proporcionar segurança para a família através de melhores condições salariais. Os maiores salários são relativos aos riscos que essas instalações oferecem aos trabalhadores. A possibilidade de acidentes é real, pela ampla gama de agentes físicos, químicos e biológicos que podem causar doenças profissionais. Podemos destacar que, devido ao trabalho dividido em longos turnos e pelo próprio confinamento em alto mar, é comum observar distúrbios de sono entre os trabalhadores *offshore*. Há também um desgaste de relacionamento interpessoal pelo convívio intensivo no ambiente — o camarote é dividido, na maioria das vezes, por quatro pessoas, não havendo privacidade.

Tendo sido apresentadas as particularidades da atividade *offshore*, sobretudo a de *homem de área*, retomemos o caso. Em um certo dia do ano de 2006, Augusto estava embarcado, executando sua tarefa rotineira, e ao movimentar um container jogou cordas ao redor da estrutura e pendurou-se, dando a *impressão*, ao relatar, que nesse procedimento talvez tenha faltado segurança — realço a palavra *impressão* por nossa completa falta de certeza, já que o paciente nunca relatou algo parecido. A política de segurança da empresa impede a realização de atividades de autorrisco, sem o uso de EPI (Equipamento de Proteção Individual) apropriado ou de procedimentos que minimizem os riscos de acidente. Quando algum empregado contratado, como é o caso de Augusto, executa atividade proibida, a pena máxima é o desembarque do empregado com a exclusão de seu CPF do sistema que programa os embarques da plataforma. Quando ao realizar o procedimento citado acima, Augusto foi advertido e humilhado pelos supervisores na frente de todos os colegas: “Aqui eu não quero nenhum MACACO para subir em cordas ao redor do container”, disse o supervisor a Augusto.

Naquela mesma noite, Augusto pensou em revidar a injúria: utilizar um martelo da caixa de incêndio contra os supervisores, sendo desaconselhado pelos colegas, argumentando com Augusto que os supervisores representavam a autoridade máxima a bordo da plataforma e ele seria prejudicado em sua carreira profissional com essa atitude. No dia seguinte, Augusto foi obrigado a desembarcar, expulso da plataforma, a maior punição atribuída ao trabalhador *offshore*. No percurso de volta para casa, pensou em abrir a porta do helicóptero e se atirar ao mar, porém abaixou a cabeça e começou a rezar, **“ainda posso lembrar-me da oração”**, disse em uma sessão. Foi então afastado do trabalho pela empresa. Hoje, encontra-se em regime previdenciário e exilado em casa, que diz ser povoada por **“pessoas desfiguradas e animais que saem pelas paredes e portas”**. **“Fico vendo essas coisas, pessoas sem rosto, bichos saindo da parede da casa, lacraias voando, tenho muito medo que entrem em meus ouvidos. Fui parar no médico porque achei que um bicho estava assobiando no meu ouvido, e o médico disse que eu não tinha nada!”**.

Augusto passou a ter muitas alucinações visuais, tentou retomar suas atividades, que incluía pesca submarina e pedalar sua bicicleta, seu meio de transporte pela cidade. Mas ao mergulhar viu uma cabeça humana na água, entrou em pânico e quase se afogou. Tentou andar de bicicleta, mas não conseguia coordenar os movimentos. Andava nas ruas e via pessoas ajoelhadas atrás dos postes de luz. Vultos surgiam nas paredes da casa, provocando reações de medo e pânico. **“Pessoas me perseguem!”**, afirmava. Ao ensinar o dever de casa aos filhos da namorada, coisa corriqueira para ele, não conseguiu se lembrar como se faz contas de multiplicação e nem da tabuada. Também não tinha mais relações sexuais com a namorada, **“Me dá nojo”**, dizia. Augusto não estava apenas exilado da plataforma, e sim expatriado de si mesmo, estranho a si mesmo e à sua história. Começou por não conseguir mais articular as palavras, tinha dificuldades para ler e escrever.

Augusto pensava o tempo todo em uma maneira de matar os supervisores que o chamaram de macaco. **“Todo dia sonho em matar A. e S. (os supervisores), no meu sonho eu os estou matando”**. Foi então que arquitetou seu crime. Ligou para a plataforma para certificar-se da escala de trabalho, descobriu o dia de embarque de um dos supervisores e compareceu ao aeroporto de Macaé armado (meses após o psiquiatra do ambulatório de saúde mental

convencê-lo a jogar fora a arma que possuía). Deu de cara com um dos “inimigos” na sala de espera para o embarque e o encarou; em segundos o supervisor percebeu a ameaça e chamou os seguranças, que o abordaram, mandando-o para casa. Assim Augusto foi impedido de consumir seu crime!

Em seus atendimentos no serviço de saúde mental, Augusto narra um profundo sentimento de sofrimento e de rancor por aqueles que lhe provocaram tamanha humilhação. Não podendo sobreviver à injúria sofrida, seguido ao ocorrido na plataforma tentou várias formas de se autoexterminar: armou o arpão contra si próprio, porém este falhou ao ser disparado; fez roleta russa por duas vezes sem sucesso; tentou fazer um nó de marinheiro, coisa corriqueira no seu trabalho, para enforçar-se, mas não lembrava mais os tipos de amarrações, como também não lembrava mais a senha do cartão do banco, os dias da semana, dia e mês do seu aniversário e em que ano estávamos. Rompeu com todos os laços sociais. Trancou-se em casa (ele mora sozinho); a luz o perturba, o barulho o irrita, quer ficar sozinho com seus pensamentos recorrentes de matar e morrer, e, quando cai a noite, exausto, sonha em concretizar o seu único desejo: matar seus “supervisores”, e por que não dizer, seus perseguidores, pois não consegue escapar da necessidade dessas presenças e resistir ao enorme prazer que esse pensamento lhe traz. Augusto relata: **“Para dormir é uma merda! Fico pensando em matar as pessoas. Só isso me dá prazer! Sonho que os estou matando, enforcando-os”**. Sobre os perseguidores na paranoia, assim como a ideia de cometer um crime, trataremos no capítulo 3.

Nesse mesmo período, Augusto começa a esboçar algumas teorias para sua doença. Após um episódio que relata ter visto discos voadores no céu, chegou a perguntar a algumas pessoas se também estavam vendo, cujas respostas foram negativas, Augusto esboça uma teoria de que os Et's estão submetendo-o a testes através das alucinações (os vultos e monstros que vê) para testar a sua capacidade de resistência. Em outra ocasião, ao assistir um culto na Igreja Universal, a pedido da namorada, revela que tudo é um complô do **“capeta, que o está chamando, meio que para fazer parte de sua equipe contra Deus. E agora não tem mais jeito, ele só tem que matar, matar e matar. Agora não tem mais jeito, você é meu”**. Esses são dois esboços de delírio que não foram desenvolvidos.

Sua mãe quis interná-lo, mas foi mal recebida, ameaçada de morte e nunca mais voltou! Seu pai foi procurá-lo para informá-lo sobre a venda de um terreno que

lhe havia dado, entretanto Augusto ameaçou matá-lo com uma faca, e esse também nunca mais voltou para ver o filho. De seus pais, Augusto nos diz: **“É só ele (o pai) aparecer, tenho raiva mortal. Taco álcool no carro, eu já preparo a garrafa. Tenho raiva dos dois do mesmo jeito (pai e mãe), e é bom que eles não me procurem! Para mim é como se não existisse mais família. Não gosto”**.

A namorada não conseguiu suportar seu temperamento, rompendo com o namoro. Augusto achava-se a cada dia com menos possibilidades de relacionar-se, sentindo muita estranheza, como podemos observar em seus relatos: **“Não sei o que é ter sentido! Não tenho mais desejo de sexo. Como se eu tivesse brochado, estranho. Meu pé é estranho, minha mão é estranha, olho o corpo das pessoas na rua e acho tudo muito estranho. Fico olhando para o meu pé e acho estranho, parece de monstro. A vida é estranha. Parece que todo mundo é E.T., que não são deste planeta! Tudo ficou meio estranho, meio confuso!”**

Um sentimento de ausência toma conta daquele que um dia foi um trabalhador e teve uma identidade. A exclusão, ou seja, o rompimento com os laços sociais corresponde à reclusão. Não estava apenas exilado da plataforma, estava expatriado de si mesmo, estranho a si mesmo, recluso em sua história.

Como podemos observar, o comportamento de Augusto e os seus atos se aproximam da autodestruição. Tem dificuldade para dormir, permanece agitado, agressivo com as pessoas e alucinando. A esse gozo invasivo, que não consegue dar fim, responde passando ao ato. Sobre esse aspecto, do retorno do simbólico no real na psicose, e que leva à passagem ao ato, trabalharemos adiante.

Cada vez mais agressivo, Augusto tentou matar um homem, um colega da plataforma com quem teve um pequeno desentendimento a bordo. Já afastado do trabalho, Augusto reencontrou esse colega no Hospital Municipal (aonde busca os remédios controlados) e começou a agredi-lo com socos, fazendo com que ele fugisse assustado. Dias mais tarde, localizando-o perto de sua casa, em uma loja de automóveis, armou-se com um facão e o esperou, mas como o rapaz estava acompanhado por uma mulher, Augusto ficou confuso sem saber como matar o homem e a mulher ao mesmo tempo; seguiu o casal, até que uma patrulha policial passou. Teve medo, foi para casa e trancou-se. Ao relatar o episódio, disse: **“Estão me perseguindo, sabem que vou matar”**. No carnaval de 2007, resolveu sair um pouco de casa para tentar divertir-se, foi com um facão na cintura, lá chegando, na

barraca de bebidas um homem começou a encará-lo, o olhar o incomoda, xingou o rapaz e foi embora, segundo Augusto, para não matá-lo!

No momento, Augusto trabalha uma questão: **“Se todo mundo vai morrer, para que viver?”** Apesar dessa fala, tem muito medo de morrer, tem medo de ser enterrado, ficar preso no caixão, sentir a terra sobre seu corpo e, sobretudo, não saber o que vai acontecer depois da morte. Pergunta o que vai acontecer quando morrer, respondo que não sei! Pergunta se eu não tenho medo da morte, respondo que ele precisa construir um significado para sua vida. Não vê sentido na minha colocação, já que todos vão morrer.

Antes do episódio ocorrido na plataforma, em que os supervisores o xingam de macaco, Augusto era uma pessoa “normal”, trabalhava há dez anos neste tipo de atividade que lhe foi introduzida por seu pai, também trabalhador *offshore*, frase dita pela namorada e confirmada pelo próprio. Trabalhava, namorava, estudava Direito e tinha uma vida social com amigos. Possuía uma vida confortável, morava sozinho e complementava sua renda com pesca submarina. Depois da agressão recebida, Augusto trancou-se em casa, ou melhor, exilou-se; o lugar de seu exílio tornou-se para ele o seu único porto seguro. Mas haverá algum porto para ele? Recluso, ele fixa sua errância na tentativa de entender o estranho que se tornou. Já não reconhece mais nem o pai e nem a mãe. Para nós, endereça um pedido desesperado de cura: **“Eu não queria estar com esta doença, de uma hora para outra eu mudei. Todo o dia tenho que passar por isso, pensar em matar e fazer mal às pessoas. Sinto que sou prisioneiro, não penso em estudar, em fazer faculdade, não tenho mais expectativas. A minha cabeça não processa mais as coisas como antes, não tenho confiança em mim, se fechei a casa ao sair, por exemplo, as coisas tem se apagado da minha mente. Eu esqueço fácil! Quero ser normal de novo. Voltar a ser gente de novo, porque eu sou bicho. Eu só sei dizer que sou negro e animal, assim como A. falou!”**.

Ao longo dos atendimentos, Augusto começa a desenvolver uma ideia de que talvez tenha uma missão: defender as pessoas de cor negra e os empregados oprimidos pelos funcionários da plataforma. Através de uma ação militante, planeja comprar granadas para explodir as plataformas e liberar os empregados terceirizados da opressão. Quer ser um justiceiro!

Para finalizar, podemos dizer que Augusto fala de seu sofrimento com muita exatidão. Demonstra veracidade ao repetir da mesma maneira os fatos ocorridos na

plataforma. Possui também noção de suas limitações: não pode mais trabalhar, não pode mergulhar, evita sair de casa por causa da sua incontrolável vontade de matar, mas quando sai está sempre provocando as pessoas com xingamentos e procurando briga: nas ruas, não abre espaço na calçada e esbarra com cotoveladas e xingamentos quando as pessoas passam por ele. Prefere não falar com os amigos, para que estes não percebam a sua dificuldade em expressar-se, não consegue mais assimilar o que lê e tem dificuldades para escrever, percebe a mudança em seu corpo pela falta do exercício de musculação que costumava praticar todos os dias, e pela falta de alimentação.

Augusto passa fome. Seus equipamentos de malhação estão todos mofados, no seu corpo brotam feridas pela falta de higiene, não toma banho regularmente (só toma banho para ir às consultas com a psicanalista). Demonstra uma intensa angústia diante do fato ocorrido na plataforma, planejando, sem cessar, sua vingança. Repete várias vezes como aquele episódio alterou sua vida, quer voltar a ser “normal”. Todos os dias, sem exceção, pensa em matar. As alucinações visuais o perturbam, sente-se ameaçado, o coração dispara, teme sofrer de taquicardia. Ocupa o tempo da sessão relatando seus planejamentos para o assassinato de seus supervisores. Depois de um ano começou a ampliar esse desejo de morte para todos os empregados da empresa e para todos aqueles que maltratam pessoas. Planeja defender “os inocentes”, para isso necessita urgentemente comprar armas, planejamento adiado por hora, pela falta de dinheiro. **“Meu salmo é o 380”**. Pergunto que salmo é este, ele responde: **“Pistola”**.

1.1 O INCONSCIENTE A CÉU ABERTO

A nossa dúvida sobre a estrutura de Augusto, ou melhor, sobre seu diagnóstico estrutural, neurose ou psicose, foi sendo dissolvida à medida que o tratamento avançava. A esse respeito fomos muito cautelosos, pois o paciente apresentava uma grande dificuldade com a linguagem, não conseguia mais articular e nem entender algumas palavras, perdeu praticamente a capacidade para escrever. As alucinações verbais eram intensas, embora tenham diminuindo ao longo do tratamento, são o testemunho do inconsciente a céu aberto da psicose.

Augusto fora ofendido, a ofensa está clara, chamaram-no de *macaco*, mas por que foi obrigado a desembarcar da plataforma? — punição máxima, conforme o

estatuto da empresa. Ainda embarcado, ao manusear ferramentas pesadas do alto da plataforma, pensava em jogá-las para atingir a cabeça de alguns supervisores que, segundo o seu relato, gostavam de humilhar as pessoas. Havia também pequenas intrigas ligadas ao seu nome. Teriam seus colegas descoberto a agressividade de Augusto? O erro dele ao manusear as cargas no convés foi tão brutal assim, ferindo as normas de segurança da empresa? Em termos subjetivos, é evidente que houve injúria. Ele fora xingado pelos supervisores, ofendido e, entre outras coisas, ficou muito mobilizado por isso. O rumo que a sua vida toma após a injúria sofrida é muito grave, o que poderia conduzi-lo à morte ou à de outras pessoas envolvidas nesse acontecimento. Augusto em nenhum momento assumiu algum tipo de culpa por isso, durante todo o tempo do tratamento, e até hoje, sustenta a ideia de ter sido injustiçado, covardemente prejudicado e humilhado por seus superiores, e que o seu procedimento ao manusear as cargas no convés da plataforma estava correto, já que há dez anos trabalhava embarcado.

O significante **macaco**, a partir de seus efeitos em Augusto, representou algo para sua economia subjetiva, assumindo um significado especial. Tentaremos localizar a importância desse significante para o desencadeamento dos sintomas e para a nossa discussão diagnóstica. A importância do significante nas estruturas psíquicas dos sujeitos foi, desde Freud, considerada fundamental. Coube a Lacan reafirmar essa importância, centrando-a no conceito de significante, termo tirado da linguística.

No caso de Augusto, sabemos que o uniforme dos trabalhadores embarcados é o “macacão”, podemos pensar que existe alguma relação entre os significantes “macaco” e “macacão”, e que é a seguinte: retiram o macacão dele, que é o emblema do uniforme dos trabalhadores *offshore*, portanto, significante identificatório e idealizador por ser relativo a homem *offshore*, e Augusto é reduzido ao significante “macaco”, indo para um outro sentido, o sentido injurioso. O macacão é o significante coletivizador deles! **“Os trabalhadores embarcados, todos usam macacão!”**, dizia Augusto. Parece-nos que tem algo do desencadeamento dos sintomas que parte daí, dessa injúria, desse significante. Podemos pensar que o significante ideal de ser um trabalhador caiu, e o sujeito se deparou com um buraco. Que buraco seria esse? O da forclusão do Nome-do-Pai, do não sentido, da perda de significado. O macacão, que representa o trabalho, talvez que servia como uma suplência imaginária, por estar uniformizado com o macacão, por fazer parte da

equipe de homens que trabalham embarcados, como o seu pai fez um dia. Usar o macacão tamponava alguma falta na estrutura subjetiva desse sujeito e que ao ser expulso desse universo a sua estrutura subjetiva — na hipótese de uma estrutura psicótica que vamos discutir adiante — veio à tona!

Lacan (1957–58/1995), ao abordar a questão do sujeito com o significante, relaciona o pai e sua função simbólica da castração, ou seja, o pai instaura na ordem da linguagem o limite, o corte e a vetorização no sentido fálico. Podemos pensar que Augusto, nessas condições descritas, encontrou um pai real na figura do supervisor que ocupou o lugar onde o pai não pôde ser chamado a ocupar; em lugar de encontrar correlativamente o apoio de um símbolo, encontrou, após o episódio injurioso, o buraco aberto no simbólico, devido à forclusão do Nome-do-Pai.

A forclusão do significante primordial é observada por seus efeitos nos dizeres de Augusto. A cadeia falada apresenta-se sem limites, a perturbação da relação com o significante manifesta-se nos distúrbios da linguagem, a ausência de sentido e a perda de escrita e da dificuldade com a leitura. A palavra leitura em grego quer dizer reconhecimento, se o sujeito perde a capacidade de ler, perde também a capacidade de pertencer a um código, de ter acesso a um determinado código. Há também a emergência de fenômenos automáticos, no qual a linguagem passa a falar sozinha, de modo alucinatório. A importância do significante Nome-do-Pai, como significante primordial, “significante puro”, no dizer de Lacan (1959/1998, p.562), é que não se trata da imagem paterna, mas sim de um significante que se articula diretamente com a lei. Quinet (2006b, p.14) pontua que: “O Nome-do-Pai, tendo como efeito a emergência de significação fálica e permitindo ao sujeito dar significação aos seus significantes, funciona como ponto-de-basta (...)”.

O inconsciente, indica Lacan (1957-58/1995, p.25), “só se esclarece e só se entrega quando o olhamos meio de lado”. Entendemos com isso que se o inconsciente se estrutura tal qual uma linguagem, o diagnóstico em psicanálise é feito a partir da escuta meio de lado dessa estrutura. Como toda linguagem, a estrutura do inconsciente é formada por códigos e mensagens às quais obedecem a leis: o deslocamento e a condensação. Disso, destacamos “a importância do significante naquilo que (...) podemos chamar de mecanismos do inconsciente”. (ibid., p.30). É através de uma cadeia articulada que temos acesso às características do significante, que se prendem uns aos outros como que em uma corrente para “constituir cadeias, as quais, por sua vez, prendem-se a outras cadeias à maneira de

anéis”. (ibid., p.34). O sentido é gerado pelas combinações do significante. (ibid., p.52).

Podemos localizar no escrito de Lacan “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1959/1998) uma descrição dos distúrbios de código, que atribuímos aos problemas apresentados na fala de Augusto: o não entendimento da fala, a dificuldade na compreensão das palavras, principalmente na escrita, em que o paciente praticamente perdeu a capacidade de escrever, manifestando a dificuldade de manusear o registro simbólico da linguagem. Os fenômenos da mensagem, as alucinações verbais como as escutadas por Augusto — **“Você é um merda”**; **“Você tem que matar”**; **“Sua mãe não gosta de você”**; **“Você é um macaco”** — também foram trabalhadas por Lacan: “Considerando o simples texto das alucinações, uma distinção logo se estabelece para o linguista entre fenômenos de código e fenômenos de mensagem” (ibid., p.543).

Quinet (2006b), em seu livro *Teoria e clínica da psicose*, explica que Lacan propõe examinar a questão da alucinação a partir da distinção entre os fenômenos de código e os fenômenos da mensagem. Os distúrbios de código são o da fala e do entendimento do significante, pois há uma fuga do sentido. A dificuldade de compreensão está nos distúrbios de código, em que não há articulação do significante e do significado pela falta do manejo do simbólico, ou melhor, pela dificuldade de manusear o registro simbólico da linguagem devido à forclusão, falta do significante Nome-do-Pai — conceito que será trabalhado no capítulo 2.

Augusto não conseguia articular determinadas palavras, pedindo ajuda à analista e procurando certificar-se que as tinha corretamente pronunciado. Nesse período, não conseguia conversar com as pessoas, pois temia que suas dificuldades fossem reveladas; quanto mais ansioso, mais dificuldade tinha. Algumas palavras perderam o sentido, o significado. As alucinações verbais eram frequentes.

Lacan (1955–56/1988) trabalha essa questão a partir da apresentação de uma paciente feita por ele num hospital parisiense. No seminário sobre a psicoses. Lacan (idem) nos conta que essa paciente estava voltando do açougue quando encontrou um vizinho, julgado por ela como um rapaz de hábitos levianos. Ao se encontrarem, a paciente disse: “Eu venho do salsicheiro”. Foi nesse momento que ela escutou a palavra “porca”, que segundo ela foi dita pelo vizinho. Tratar-se-ia aí de uma mensagem que o sujeito recebeu de forma invertida? Mais tarde, Lacan vai demonstrar que a paciente alucinou PORCA, e se indaga: “Porca, o que será isso? É

uma mensagem, com efeito, mas não será antes a sua própria mensagem?” (ibid., p.61). A paciente recebe do Outro a sua própria fala. O Outro como lugar em que se situa a cadeia do significante, no dizer de Lacan, “Comanda tudo que vai poder presentificar-se no sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer” (LACAN, 1964/1988, p.194).

Tomando como referência essa passagem acima, pensamos que as vozes que Augusto escuta remete a uma situação vivida a bordo da plataforma, o que mostra que suas alucinações se enquadram dentro de um delírio de perseguição, mesmo não estando totalmente sistematizado. De saída, esse paciente se apresenta como um sujeito que se diz perseguido. É a sua subjetividade: constitui a sua relação com O Outro, o lugar em que se situa a cadeia significante; é o “lugar do tesouro do significante” (LACAN, 1960/1998, p.820), dos elementos da linguagem.

1.2 DISCUSSÃO DIAGNÓSTICA

Encontramos no caso de Augusto elementos e fenômenos que são característicos dos três tipos clínicos de psicose. Abordaremos separadamente na paranoia, na esquizofrenia e na melancolia esses fenômenos, para em seguida, demonstrar nossa hipótese de paranoia neste caso.

1.2.1 Paranoia

A realidade só pode ser concebida como uma trança de significantes; a realidade organiza-se pela presença do significante “Nome-do-Pai”, significante porta-voz da ordem simbólica da cultura. É no complexo de Édipo que é ofertada, no cruzamento do mais particular com o mais universal, a cada um de nós, a possibilidade de um atravessamento, sendo sua realização final o assujeitamento à lei simbólica, na melhor das hipóteses. Na psicose, o sujeito se coloca à margem dessa provação, ou dito de outra forma, o acesso à realidade, articulada à trama de significantes da ordem simbólica, não se realiza. Pois há algo que lhe falta: o significante Nome-do-Pai.

Pode-se afirmar que uma estrutura clínica se define a partir do modo pelo qual o sujeito articula/define/ordena a sua posição de sujeito em relação ao jogo dos

significantes. Na neurose, o sujeito habita a linguagem, ao passo que, na psicose, o sujeito é habitado por ela. Lacan (1955–56/1988) sublinha:

O sujeito, por não poder restabelecer de maneira alguma o pacto do sujeito com o outro, por não poder fazer uma mediação simbólica qualquer entre o que é o novo e ele próprio, entra em outro modo de mediação, completamente diferente do primeiro, substituindo a mediação simbólica por um formigamento, por uma proliferação imaginária, nos quais se introduz, de maneira deformada, e profundamente a-simbólica, o sinal central de uma mediação possível (ibid., p.104).

Os fenômenos de linguagem vividos por Augusto foram os responsáveis para um primeiro e estrutural diagnóstico. Trata-se de um caso de psicose. Pensamos com Quinet que:

Falar da psicose ao invés de as psicoses é acentuar a psicose como uma estrutura clínica, uma estrutura que se revela no dizer do sujeito e que corresponde a um modo particular de articulação dos registros do real, simbólico e imaginário. É também acentuar que na psicose, assim como na neurose, trata-se da estrutura da linguagem, ou melhor, das relações do sujeito com o significante. (QUINET, 2006b, p.3-4).

Augusto frequentava, além da analista do ambulatório, dois outros médicos: um neurologista e uma psiquiatra. A médica psiquiatra mandou uma carta endereçada aos responsáveis pelo seu atendimento solicitando a internação urgente do paciente, por colocar pessoas em perigo e também a ele mesmo.

Foi discutida com Augusto a possibilidade da internação (o próprio paciente foi o portador da carta, e achamos que ele deveria conhecer o seu conteúdo). Augusto reagiu muito mal à possibilidade de internação, por não suportar a ideia de ficar preso para sempre no hospital psiquiátrico, já que não conta com ninguém para retirá-lo de lá. A partir de então, começou a ficar desconfiado: ia com receio ao ambulatório e passou a temer uma internação forçada. Procurava por Kombis brancas e ambulâncias escondidas na porta do ambulatório. Chegou a pensar em parar de ir às consultas. **“Na rua acho que sempre tem alguém atrás de mim, caminho olhando para trás”**.

A partir desse fato, o sentimento de perseguição descrito desde o primeiro atendimento na figura dos dois supervisores começou a aparecer com mais força. Foi então que começamos a pensar no tipo da psicose de Augusto: uma psicose paranoica, pois, segundo Quinet:

Ao lado da esquizofrenia, a paranoia se apresenta, com Freud e Lacan, como um dos tipos clínicos da psicose. Se em ambas encontramos o mesmo mecanismo essencial, a forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, há diferenças clínicas fundamentais que clama por uma distinção mais estrutural. (QUINET, 2002, p.11).

Freud (1950 [1892–99])/1980, p.228), no “Rascunho H”, chama a paranoia de psicose intelectual: “Na psiquiatria, as ideias delirantes situam-se ao lado das ideias obsessivas como distúrbios puramente intelectuais, e a paranoia situa-se ao lado da loucura obsessiva como uma psicose intelectual”. Isso explica a grande lucidez do nosso paciente a respeito dos acontecimentos que o marcaram.

Em relação à paranoia, que é a nossa hipótese diagnóstica principal, nós encontramos alguns fenômenos que apontam para ela: há o desejo de matar pessoas, de explodir bombas na plataforma, de tentar fabricar pólvora: **“Acordo e durmo pensando em arma, tentando imaginar como faz a pólvora: salitre-enxofre-carvão. Quero explodir a empresa, alguém tem que pagar por isso”**. Tem aí a figura de um Outro que goza de Augusto, chama-o de macaco e que ele quer aniquilá-lo, é um objetivo, por assim dizer, concentrado, ele tem esta característica, está tudo esboçado. Augusto também tem o hábito de colocar barricadas nas portas e janelas de sua casa para evitar e ser avisado quando seus perseguidores chegarem para matá-lo. Essas barreiras são feitas de garrafas de vidro de cerveja empilhadas atrás das janelas e portas. Tranca o seu quarto de dormir com o arpão de caça submarina, engatilhado ao seu lado na cama e um facão embaixo do colchão. Ao sair de casa, chama seus gatos. No caso de não aparecerem significa que tem pessoas estranhas perto da porta de saída. Escuta pessoas cochichando, arrastando pés atrás dele. **“Penso que é alguém de arma em punho para atirar”**, suspeita Augusto.

Podemos listar, para a nossa discussão diagnóstica, que é muito interessante nesse caso, fenômenos da melancolia e esquizofrenia, além dos fenômenos da paranoia. Vamos introduzi-los com uma breve conceituação histórica de modo a poder situar melhor esses conceitos.

1.2.2 Esquizofrenia

A grande obra de Emil Kraepelin, aluno do laboratório de psicologia experimental de Wundt, foi publicada com o nome de *Compêndio*, em 1883, mas foi ampliada com o nome de *Tratado de Psiquiatria*, segundo Isaias Pessoti (1999).

Nascido no mesmo ano que Freud, 1856, Kraepelin dedicou-se ao estudo da psicopatologia. Entre 1883 e 1915, seriam escritas as oito edições de seu *Lehbuch der Psychiatrie*, constituindo um dos pilares de fundação da psiquiatria moderna (PEREIRA, 2001).

No que concerne ao campo das psicoses, Kraepelin, aplicando seu método de observação longitudinal das entidades mórbidas a três tipos clínicos distintos na tradição psiquiátrica — a catatonia de Kahlbaum, a hebefreínia de Hecker e uma forma psicótica delirante por ele denominada de paranoide —, buscará demonstrar que se trata de uma mesma entidade clínica: a *Demência precoce*. Os traços comuns entre esses estados, na versão de Kraepelin, eram dois: a natureza evolutiva e a degeneração em demência; posteriormente, acrescentou a perda da afetividade. (idem, *ibid.*).

Demência precoce, segundo Kraepelin, é uma doença única de diferentes formas clínicas: a catatônica, a hebefrênica e a paranoide. Esta última seria aquela que suscitou mais polêmicas, uma vez que não possuía uma evolução inexorável rumo ao embrutecimento mental (idem, *ibid.*). Ao contrário, o delírio sistematizado parecia conviver com um restante preservado e íntegro da personalidade — veremos mais detalhadamente em Freud esta preservação do conteúdo mental no capítulo sobre a paranoia. Assim, nas edições seguintes do *Tratado*, em especial na oitava, Kraepelin separará a paranoia e a parafrenia da forma paranoide (*ibid.*, p.128).

Trabalhando em uma clínica de pacientes psiquiátricos graves, Bleuler, psiquiatra suíço e quem propõe o termo autismo, dispôs de um vasto material para estudar a psicose, que ainda era chamada de demência precoce, segundo a nomenclatura kraepeliniana dominante na época. Bleuler costumava aplicar testes de associação, desenvolvidos por Jung, em pacientes com diagnóstico de demência precoce, percebendo que nem sempre esses estados dissociativos terminavam em demência. O que chamou mais a sua atenção foi a dissociação entre a vida intelectual e a vida afetiva, além da desordem lógica do pensamento. Bleuler, então, começa a empregar o termo esquizofrenia a partir de 1906, cujo sintoma primário é a clivagem das associações entre as funções psíquicas que rompem a unidade do eu, estados de obnubilações, as oscilações afetivas e a predisposição a alucinação, completando o quadro clínico. Além disso, verificou-se que estados delirantes poderiam ocorrer na infância, ou mesmo depois dos cinquenta anos, e então a

demência poderia ser precocíssima ou tardia, não sendo correto, portanto, o nome de demência precoce (PESSOTTI, 1999, p.168) Em 1911, Eugen Bleuler publica sua monografia intitulada “Demência precoce ou o grupo das esquizofrenias”.

A partir da definição de esquizofrenia por Bleuler, observamos seus fenômenos em nosso paciente, Augusto, tais como: a questão do sem sentido, da perplexidade, estranheza, que a psiquiatria chama de desrealização, e as alucinações auditivas sob a forma de palavras: **“Sinto-me estranho, alienado. Meu pé é estranho, minha mão é estranha, olho o corpo das pessoas e acho estranho. A vida é estranha, parece que todo mundo é E.T., que não são deste planeta, e aí já não olho para uma garota com vontade de beijar e fazer sexo. Eu que era fanático por namorar, tudo ficou meio estranho, meio confuso. Parece que esta tudo muito colorido, vivo, em câmera lenta. Às vezes olho para o meu pé e fico achando que sou um monstro”**. Sobre os fenômenos da esquizofrenia, Quinet acentua que:

Na psicose, as alucinações têm caráter verbal, como aponta Lacan, desvinculando-se dos órgãos dos sentidos, para mostrar que se trata do significante foracluído que retorna no Real. Mas são, sobretudo, as alucinações auditivas as que mais se impõem na esquizofrenia: ruídos, zumbidos, tiros e música, mas principalmente gritos, sussurros, palavras e frases (...). (QUINET, 2006a, p.81).

São também muito evidentes os fenômenos corporais em Augusto. Essa fragmentação do corpo são fenômenos imaginários de despedaçamento que encontramos nos caso de esquizofrenia, e que Bleuler chamava de “alucinações somestésicas”, descrevendo-as como correspondentes das “imagens do corpo despedaçado, da dispersão dos órgãos que não estão unificados em um corpo e, por isso, são mortificados pelo significante” (idem, ibid., p.82–3).

“O corpo é o lugar de inscrição dos significantes”. Daí a definição de Lacan, na qual o corpo só se constitui a partir do corpo simbólico, e é efetivamente deste que dependem o estatuto e a unificação do corpo humano (idem, ibid.).

1.2.3 Melancolia

Com relação à melancolia, observamos a importância de se fazer uma distinção entre luto e melancolia. Segundo Tourino Peres:

O luto é decorrente de uma perda real, morte ou abandono de uma pessoa querida, ou uma abstração que ocupe esse lugar, enquanto na melancolia encontramos uma perda mais ideal: não há clareza sobre o que realmente foi perdido. O melancólico pode saber quem ele perdeu, porém não sabe o que de fato perdeu. Enquanto no luto o perdido é absolutamente consciente, na melancolia há uma perda que foi retirada da consciência, ou seja, é desconhecida. (TOURINO PERES, 2010, p.32).

Augusto sabe exatamente o que perdeu! Fala de uma forma muito consciente sobre sua expulsão da plataforma e, podemos dizer, da vida que tinha até então. Chegou a procurar uma reparação legal para fazer justiça e se vingar — energia difícil de imaginar ser empregada por um sujeito melancólico: **“Pedi ajuda à empresa e fizeram uma reunião, disseram que eu não podia dar queixa de macaco porque ia tirar a moral do cara (refere-se ao supervisor da plataforma). Eu fui à delegacia e o delegado falou que para eu poder fazer a queixa eu tinha que ter duas testemunhas. Fui à polícia Federal, eles já sabiam – ‘Você é o rapaz da plataforma? Não vai poder fazer sua queixa porque não tem testemunha’. Fui à ouvidoria da empresa, quando não consegui nada, parti para matar. A lei é o 38 na minha cintura, o dele está guardado. Por onde eu fui não tive recursos legais, posso ficar preso, mas dane-se, pelo menos matei.”** – sic.

O melancólico é um sujeito que se sente resignado a cumprir uma fatalidade sem a menor possibilidade de interferir nela, “não há salvação”, sublinha Tourino Peres (2010, p.56), diferentemente de um paranoico que sem saber o que é resignação, sente-se perseguido, “foi condenado injustamente, toda a culpa cabe ao Outro”, nos indica Quinet (2006a, p.220), necessitando defender-se, como a todo um grupo. Tourino Peres (2010) indica que a resignação que aparece na fala do sujeito nos indica uma escuta diagnóstica (idem. *ibid.*, p.56).

No caso de nosso paciente, ele mantém vínculos com a analista, vem com frequência regular às consultas, e com o próprio ambulatório público, nas figuras da atendente e de seu psiquiatra; são todos vínculos transferências de Augusto. Encontramos em Augusto a vontade de morrer, a questão do luto pelo trabalho que perdeu, a perda de um ideal, o ideal de ser petroleiro como seu pai. Essa perda é localizada. Com a expulsão, acontece o desmonte de um ideal: **“Para dormir é uma merda, fico pensando em matar as pessoas. Morrer é a mesma coisa, vejo o meu caixão. Na minha cabeça fica estampada a morte. Fico numa agitação para sair de casa, não é só a morte, é tudo, ficar vendo o tempo todos estes**

insetos que saem pela parede. Vejo pessoas deitadas no chão como mendigos, mas quando olho bem é só um saco de lixo. A vida perdeu o sentido para mim”.

Há desejo de morrer, mas há também o desejo de matar, de explodir bombas na plataforma, de tentar produzir a pólvora, de ser um matador. Para o melancólico só resta cair no ralo da morte, e o paranoico procura se agarrar a um significante ideal para se sustentar e com o qual se identifica: ser um matador, um justiceiro! Augusto não desiste de cometer seu crime, ele vai para rua em busca de seus algozes, procura no rosto das pessoas aquele que lhe injuriou, e essa busca é incessante.

Sobre a paranoia e sua relação com a melancolia, afirma Quinet que, “em termos psicanalíticos, podemos dizer que ambos estão situados como objetos do Outro: o melancólico como rebotalho e o paranoico como objeto mais-de-gozar” (QUINET, 2006a, p.194). E continua:

O melancólico é um indiciado, enquanto o paranoico é um condenado. (...) Ele é sempre um réu inocente. Mas não é um resignado como o melancólico, que acata inteiramente sua situação de indiciado, tem aquela humildade, sobre a qual Freud chama a atenção, e da qual não tem a menor vergonha (ibid., p.220).

Esse Outro que ele quer matar, mas que também o persegue, são fenômenos prevalentes e nos orientam para o diagnóstico de tratar-se de uma psicose paranoica — entidade clínica que desenvolveremos nesta dissertação e sua relação com a passagem ao ato criminoso. No entender de Quinet (idem):

A retenção de S1 aproxima a paranoia das neuroses e a afasta da esquizofrenia, na qual há não um significante mestre que represente o sujeito, mas antes, (...) uma dispersão de significantes que o impede de se deter em uma identificação estável. Vários significantes advêm para tentar representá-lo, mas nenhum se detém, a não ser quando ocorre um processo de paranoização. (ibid., p.100).

No próximo capítulo, discorreremos sobre a estrutura clínica da psicose, de modo a fundamentar o diagnóstico do caso clínico que ilustra esta dissertação. Na última parte deste trabalho, retornaremos a questão do diagnóstico de Augusto em conjunto com os casos estudados por Lacan: *Aimée* e as *irmãs Papin*.

2. SOBRE A PSICOSE

A principal característica da psicose na teoria lacaniana é o que Lacan denominou de forclusão do Nome-do-Pai (LACAN, 1957–58/1995). Em *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*, Lacan, na aula de 15 de janeiro de 1958, fala sobre a metáfora paterna, caracterizando-a como substituição de um significante por outro, em que o significante Nome-do-Pai substitui o primeiro significante: o significante materno. Lacan, no mesmo ano desse seminário, apresenta a fórmula da metáfora paterna no texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (LACAN, 1959/1998, p.563).

Lacan faz questão de afirmar que o Nome-do-Pai é o significante do Outro como lugar da Lei (idem, *ibid.*, p.590). Sua inscrição se dá através do processo de falicização, ou seja, da castração simbólica. A forclusão do Nome-do-Pai impossibilita fazer funcionar o sujeito em uma lógica fálica. Enquanto Freud vai desenvolver o seu conceito de castração, e seu agente na figura do pai, Lacan vai abordar a questão da relação do sujeito com o significante; o significante Nome-do-Pai que instaura a castração na ordem da linguagem, o limite, o corte e, ao mesmo tempo, a vetorização no sentido fálico. Isso significa que na psicose há um fracasso na travessia do Édipo. O psicótico não atravessa a epopéia edipiana. Desse modo, discorreremos a seguir sobre o conceito de complexo de Édipo, elaborado por Freud e retomado por Lacan.

2.1 O MITO E O COMPLEXO DE ÉDIPO

O que é mito? O mito é “a tentativa de dar uma forma épica ao que se opera na estrutura” (LACAN, 1975/1993, p.55), “uma forma de semidizer a verdade: a do

Édipo, a verdade do desejo; a de “Totem e tabu”, a verdade do gozo”. (QUINET, 2004, p.113).

O Complexo de Édipo foi desenvolvido por Freud e é central em sua obra — retirado da tragédia de Sófocles, *Édipo Rei*, encenada por volta de 430 a.C., na Grécia. Esta tragédia causou impacto no próprio Freud como espectador advindo da sua história pessoal — filho mais velho de uma mãe jovem, casada com seu pai, já bem mais velho — e de sua experiência clínica, pois no atendimento a seus pacientes escutou algo semelhante ao drama vivido por Édipo — herói da tragédia.

Na peça de Sófocles (SÓFOCLES, 1997), Édipo ao chegar ao mundo sofre uma tentativa de assassinato pelos próprios pais. Sua mãe, Jocasta, e seu Pai, Laio, entregam Édipo recém nascido, com os pés cruelmente atados e de cabeça para baixo, a um pastor para levá-lo à morte. Um outro pastor de Corinto, cidade vizinha a Tebas, salva a criança e o entrega ao Rei de Corinto, Creonte, que o adota como filho, pois sua esposa, Mérope, não conseguia engravidar, e eles queriam muito ter um filho. Esse pastor lhe dá o nome de *Oidípous*, em grego, que significa pés inchados.

Édipo porta a marca de sua história, seu nome tem a marca do crime paterno, do ódio parental que, com sua maldade lhe proporciona uma deformação física, fazendo com que tenha que se arrastar para andar.

Quando fica rapaz, ao suspeitar da sua origem, Édipo vai até Delfos e pergunta ao oráculo quem são seus pais. O oráculo não responde, mas afirma: “Matarás teu pai e casarás com tua mãe”. Édipo ao fugir do seu destino acaba por cumpri-lo: mata seu pai e se casa com sua mãe, desconhecendo sua história ao mesmo tempo em que a põe em cena. Essa é a parte importante da tragédia: a dimensão da história censurada, esquecida, recalcada, mas que direciona os atos de Édipo.

A tragédia *Édipo rei* põe em cena uma das mais vigorosas discussões acerca da questão da origem. Coroado rei e casado com Jocasta, vivendo em Tebas assolada por outra peste, Édipo procura novamente seguir as recomendações do oráculo e parte para uma inabalável e obsedante busca pelo assassino de Laio (idem) Essa busca pela verdade de um sujeito que sabe e não sabe que sabe revela o que há de universal e humano em todos.

A tragédia *Édipo Rei* causa identificação nos espectadores por seu efeito trágico, ou seja, segundo Aristóteles ao falar dessa tragédia em sua *Poética*, Édipo

Rei “suscita compaixão e terror (*phobos*) e tem por efeito obter a *catarsis* dessas emoções” (ARISTÓTELES, 1973, cap.VI); e foi o que interessou a Freud ao formular o complexo de Édipo como um dos conceitos fundamentais da psicanálise: é colocado em cena os desejos inconscientes, o incesto e o parricídio. Dois crimes.

Freud vai marcar o inconsciente como trágico ao expor algo que vem estruturar a subjetividade humana. É esse aspecto que se encontra ao longo de toda peça, e que Lacan vai complementar, auxiliado pelas descobertas da antropologia estrutural de Claude Lévi-Strauss, como um fundamento para a constituição do sujeito, articulando alguns conceitos com o objetivo de pensar a diferença sexual e o posicionamento homem/mulher, situando o desejo e a falta no centro da existência humana (QUINET, 2004).

Para acompanhar a travessia do Édipo empreendida pelos sujeitos, vamos começar com Freud e a estruturação do “complexo de Édipo”.

2.1.1 O complexo de Édipo freudiano

O complexo de Édipo foi formulado por Freud a partir do relato de cenas de sedução que seus pacientes adultos acreditavam ter vivido na infância. Anos mais tarde, Freud vai operar uma mudança capital em sua teoria, admitindo que essas cenas são, antes, fantasias imaginadas por seus pacientes. Tendo já teorizado a respeito da sexualidade infantil, em 1905, fato que causou grande escândalo no meio científico da época, Freud (1923/1980) afirmará que por volta de três anos, todos os meninos focalizam seu prazer sobre o pênis; nessa idade, o pênis se torna a parte do corpo mais rica de sensações, por isso vai denominá-la, em “A organização genital infantil”, quando introduz a fase fálica na organização pregenital da libido, de zona erógena dominante:

A característica principal dessa organização genital infantil (...) consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo. (Ibid., p.180).

Há uma organização genital infantil que consiste no fato de que para todos humanos só existe um órgão genital, o masculino. Na organização denominada por Freud de fálica, a criança considera, num primeiro momento, que tudo que existe é dotado de pênis. Não há a percepção da diferença anatômica. Essa parte do corpo

tão rica em sensações ocupa o interesse do menino em alto grau. Desse modo, o menino vai por em execução uma pesquisa, através da qual chega à descoberta de que o pênis não é comum a todas as pessoas, fato comprovado ao avistar a ausência de pênis nas meninas. A falta de pênis é vista como resultado da castração (FREUD, 1924b/1980, p.220).

O complexo de castração, portanto, se estrutura a partir da primazia do falo, essa premissa que atribui universalmente o pênis a todos os seres vivos. Vindo mais tarde a se defrontar com a ausência do pênis nas meninas, ambos (meninos e meninas) são surpreendidos face à difícil questão de dar uma explicação para a diferença anatômica (idem, *ibid.*).

Para os meninos, fica a dura certeza que esse órgão tão amado pode ser mutilado, perdido, tanto é assim que as meninas já o perderam! Essa ameaça vem reforçar e revitalizar as ameaças recebidas. Nesse momento tem-se como objeto a mãe, enquanto objeto de desejo. Para preservar seu órgão, e no cumprimento dessa lei da castração, o menino abandona a mãe como objeto de amor e escolhe o pai como objeto de identificação, e a partir dessa posição decorre o que é próprio da sexualidade masculina. Segundo Freud:

Se a satisfação do amor no campo do complexo de Édipo deve custar à criança o pênis, está fadado a surgir um conflito entre o seu interesse narcísico nessa parte de seu corpo e a catexia libinal de seus objetos parentais. Nesse conflito, triunfa normalmente a primeira dessas forças: o ego da criança volta as costas ao complexo de Édipo. (...) As catexias são abandonadas e substituídas por identificações. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto. (*ibid.*, p.221).

Nas meninas, o clitóris inicialmente comporta-se exatamente como um pênis, porém, ao comparar com o menino, percebe que “se saiu mal” e sente isso como uma injustiça feita a ela e um sentimento de inferioridade a invade (idem, *ibid.*).

Em “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, Freud (1925b/1980) diz que nas meninas o complexo de Édipo levanta uma questão a mais, pois também para elas o objeto primordial é a mãe. Como ocorre então que as meninas a abandonem e tome o pai como objeto de desejo? Atestando a injustiça sofrida pela falta do pênis, arma-se de revolta e protestos. É a inveja do pênis, *Penisneid*, que vai fazer com que abandonem a mãe e procurem o pai como aquele que pode lhes dar o que elas não tem. Para as meninas, é pelo complexo de castração que se dá a sua entrada no complexo de Édipo, em que vão percorrer os

labirintos em rumo a sua sexualidade, ou melhor, o que significa ser uma mulher. Freud sublinha:

Agora, porém a libido da menina desliza para uma nova posição ao longo da linha... Ela abandona seu desejo de um pênis e coloca em seu lugar o desejo de um filho; com esse fim em vista, toma o pai como objeto de amor. A mãe se torna o objeto de seu ciúme. A menina transformou-se em uma pequena mulher. (FREUD, 1925b/1980, p.318).

A operação da castração é, portanto, o que acontece a partir da premissa universal do falo. A visão dos genitais femininos viria dar sentido à diferença sexual anatômica e organizar o destino dos sujeitos em posições masculina ou feminina para além da anatomia biológica.

2.1.2 O Édipo em Lacan

A metáfora paterna e o significante Nome-do-Pai são os conceitos que Lacan propõe a partir de sua leitura do complexo de Édipo freudiano e de sua dissolução.

Toda criança se origina de dentro de um contexto: da história de seus genitores, desde o momento que se conhecem até a concepção. Uma gravidez é o efeito desse desejo (inconsciente). Ao nascer, não há dúvidas sobre a maternidade, afinal uma criança é literalmente tirada de dentro da mãe. Isso equivale dizer que se encontra no registro do real; já em relação ao pai, genitor masculino, haverá sempre uma dúvida e precisará da indicação da mãe para que esse genitor possa de fato se constituir como pai e ser investido deste lugar paterno pela mãe, dar nome à criança. Percebemos, portanto, que a herança genética não é suficiente para estabelecer a função paterna. Essa designação paterna só pode advir através da palavra, portanto, o pai se situa no registro do simbólico. Desse modo, o pai vai se transformar em metáfora. (LACAN, 1957-58/1995, p.166). A inscrição do Nome-do-Pai — não o pai biológico — se realiza através de uma metáfora. Lacan afirma:

(...) Que o pai seja, por exemplo, o verdadeiro agente da procriação não é, de maneira alguma, verdade da experiência. (...) A posição do pai como simbólico não depende do fato de as pessoas haverem mais ou menos reconhecido a necessidade de uma certa sequencia de acontecimentos tão diferentes quanto o coito e um parto. A posição do Nome-do-Pai como tal, a qualidade do pai como procriador, é uma questão que se situa no nível do simbólico. Pode materializar-se sob diversas formas culturais, mas não depende como tal da forma cultural, é uma necessidade da cadeia significante. (ibid., p.187).

A criança nasce submetida à palavra, fala-se dela e por ela. A criança procurará se orientar através da palavra daquele que cuida dela, normalmente sua mãe. No início, sente a sua presença como plenitude e a sua ausência como vazio. Depois, consegue simbolizar a sua ausência, dispondo de um significante materno. Essa mãe aponta para um objeto que lhe falta, o falo. A organização fálica, reconhecida por Freud como fase de evolução da libido (FREUD, 1925b/1980, p.163), ocupa um lugar central na resolução do complexo de Édipo. O falo é um símbolo no sentido de uma representação figurada do pênis, mas, para além do órgão anatômico, o falo reencontra-se como significação. Ao significante materno será substituído por um outro significante, dito paterno, o Nome-do-Pai. Esse significante paterno amarra o sujeito à lei do simbólico, ou seja, ao conjunto de símbolos de significação constante que podem descobrir-se em variadas produções do inconsciente. A ideia de uma ordem simbólica que estrutura a realidade inter-humana foi salientada por Claude Lévi-Strauss, que considerou que toda a cultura é um conjunto de sistemas simbólicos, estando em primeiro lugar a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência e a religião (LÉVI-STRAUSS, 2003)

Portanto, dessa maneira, em *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*, Lacan (1957–58/1995) formula o complexo de Édipo a partir de três tempos lógicos que apontam para diferentes relações com o campo do Outro e com a castração.

No primeiro tempo, a relação da criança é marcada por uma relação fusional, o filho é identificado ao falo (único objeto que pode satisfazer a mãe), sendo a mãe para a criança um Outro absoluto. A criança está alienada ao desejo da mãe e acredita ser seu falo, pensando ser tudo para sua mãe. O pai aparece de forma velada. O problema é “ser ou não ser o falo da mãe”. (idem, *ibid.*, p.481)

No segundo tempo, surge o pai para se interpor. É caracterizado pela intervenção de um terceiro (pai) que introduz a lei da interdição do incesto, permitindo que a criança se depare com a questão da falta. O pai é aquele que priva a mãe do falo que supostamente tem no filho, e frustra a criança por não dispor incondicionalmente da mãe, apresentando uma dupla interdição. O pai passa a ocupar um lugar significativo, denominado por Lacan de Nome-do-Pai.

No terceiro tempo, a criança não está mais centrada em ser ou não ser o falo, mas em ter ou não ter o falo. O falo aparece como simbólico e como tal pode circular

na cadeia significativa composta de objetos fálicos. É a função paterna que permite que a criança se coloque num lugar ativo, ou melhor, de sujeito desejante. Ela introduz o sujeito na castração simbólica efetivando um corte entre o sujeito e o Outro, impedindo o gozo mortífero do Outro. É o encontro com a falta que possibilita ao sujeito constituir-se como desejante. A castração ordena o desejo, o coloca na dimensão simbólica e abre a possibilidade de ir buscar o que falta em outro lugar que não na mãe; ela obriga o sujeito desejar além do desejo materno.

O pai, investido do Nome-do-Pai, torna-se aquele que pode dar o que falta à mãe, permitindo a criança se desligar de sua mãe e ser introduzida na ordem do mundo. Caso o pai não funcione como função paterna, significa dizer que a dimensão da palavra não se impõe, e por não se impor não há um ponto de basta.

Essa noção do simbólico é um dos elementos fundamentais do estruturalismo de Lévi-Strauss, e foi com ele que Lacan aprimorou o conceito de “complexo de Édipo”. Claude Lévi-Strauss propõe que o mito tem a função de fornecer significantes para uma experiência que até então permanecia caótica e impossível de ser significada. Pesquisando as regras de parentesco, nas décadas de 1930 e 1940, Claude Lévi-Strauss mostra que normas universais estão na base das alianças estabelecidas entre os homens, demonstrando que há uma universalidade de sua proibição. Lévi-Strauss busca a explicação da universalidade da proibição na passagem da natureza para a cultura, e encontra como único componente possível a regra da proibição do incesto, que está presente em todas as culturas, apresentando assim características universais. (LÉVI-STRAUSS, 2003).

O incesto continua proibido, seguindo restrições legais, morais, religiosas e, atualmente, com maior força, as da biologia genética. Ele causa horror e a transgressão de sua proibição, constantemente noticiada como terrível exceção, deixa a todos consternados.

A travessia do Édipo é então um processo através do qual o sujeito se torna homem ou mulher por sua posição em relação ao falo. Pela dimensão que esse processo ocupa na subjetividade de cada um, é chamado de complexo. O mito de Édipo constitui uma ficção onde são projetadas as tramas do tornar-se homem ou mulher, castrado, incompleto, assujeitados à lei do incesto, ou não, lei que funda a cultura e que permite a troca simbólica e a construção dos laços sociais.

2.2 A PSICOSE E A FORACLUSÃO DO NOME-DO-PAI

Lacan (1955–56/1988) retoma em seu seminário sobre as psicoses os dois artigos freudianos intitulados “Neurose e psicose” e “A perda da realidade na neurose e psicose”, para realçar o que Freud havia dito sobre o caráter clínico do psicótico, ou seja: “Se distinguir por essa relação profundamente pervertida com a realidade que se chama delírio”. (ibid., p. 65)

Na psicose, continua Lacan retomando Freud, houve uma ruptura, buraco, dilaceração com a realidade exterior, já que na verdade o que é rejeitado volta do exterior. A projeção na psicose é o mecanismo que faz voltar de fora o que está preso na *Verwerfung*. (Ibid., p.58).

Segundo o *Dicionário de psicanálise* (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.245), *Verwerfung* é um termo alemão que corresponde à rejeição. Lacan, segundo a mesma referência, traduziu-o por “forclusion”. No texto de Freud a *Verwerfung* indica a relação do sujeito com a castração, que é, para Freud, o conjunto das consequências subjetivas determinadas pela ameaça de castração, no homem, e pela ausência do pênis, na mulher. O complexo se instala quando a criança é ameaçada, devido à masturbação, de ter seu sexo cortado. Quando admite a possibilidade da castração, o menino se vê obrigado, para salvar seu órgão, a renunciar aos seus desejos incestuosos. Dessa forma, o complexo de castração põe fim ao Édipo, exercendo assim sua função normalizante. Lacan (1957–58/1995), seguindo a mesma referência, elabora o significante Nome-do-pai:

A estreita ligação desse remeter à mãe a uma lei que não é a dela, mas a de um Outro, com o fato de o objeto de seu desejo ser soberanamente possuído, na realidade, por esse mesmo Outro a cuja lei ela remete, fornece a chave da relação do Édipo. O que constitui seu caráter decisivo deve ser isolado como relação não com o pai, mas com a palavra do pai. (ibid., p.199)

O Nome-do-Pai é o significante da lei, significante fundamental. É ele que dá ao sujeito sua significação, que dá um efeito de sentido na cadeia significante. O significante paterno introduz a possibilidade de significar a diferença e evitar ficar submetido ao desejo da mãe, diferenciando a criança da mãe, conforme podemos aferir com a fórmula da metáfora paterna (idem, ibid., p.180):



Augusto, nosso paciente, não consegue dar sentido à sua cadeia significante, não há um ponto de basta, por isso as palavras perderam o sentido. A falta do significante Nome-do-Pai faz com que Augusto pague o preço de se estruturar como psicótico.

A estrutura neurótica acredita na ideia de um sujeito suposto saber, chamado de função paterna, referido a um saber e, portanto, pode organizar-se em torno de um ponto central, ponto de amarração. Para o sujeito psicótico, não há amarração possível, ele não pode orientar-se e organizar-se ao redor de um saber como na neurose, desse modo, somos testemunhas do tamanho sofrimento e esforço que o nosso paciente faz para construir um saber, uma amarração que possibilite significar os acontecimentos da sua vida, em especial, o episódio vivido a bordo da plataforma, deflagrador da sua paranoia, quando seus supervisores o chamam de macaco — vide capítulo 1.

Assim, a forclusão do Nome-do-Pai é o mecanismo essencial da psicose, descrita por Lacan. Segundo Quinet:

A referência ao Nome-do-Pai como divisor de águas jamais foi abandonada por Lacan, mesmo quando ele veio a acrescentar e desenvolver outros conceitos ao longo de seu ensino (o campo dos gozos, a topologia do nó borromeano). A forclusão do Nome-do-Pai no campo do Outro permanece uma questão preliminar a todo o tratamento possível da psicose. (QUINET, 2006a, p.9).

Quinet, em seu livro *Psicose e Laço Social*, descreve o mecanismo da forclusão e o contrapõe à palavra inclusão: aquele que está foracluído está, portanto, excluído:

Foraclusão e inclusão são dois termos em princípio díspares: o primeiro diz respeito ao sujeito em sua história e singularidade, o outro se refere ao indivíduo na sociedade. Foraclusão designa o mecanismo essencial da psicose: a forclusão do Nome-do-Pai (que equivale a não inclusão na norma edipiana). (idem, *ibid.*, p.47).

Lacan (1957–58/1995) estabelece a gênese do distúrbio psicótico na relação entre a mãe e o filho. Entre eles, houve um problema de comunicação, não apenas num contato ou num relacionamento, mas no aspecto da significação. A questão que se coloca nas psicoses é saber o que acontece com o processo da comunicação

quando este não chega a ser constitutivo para o sujeito. “A palavra que funda a fala como ato. Entre as palavras, é preciso haver uma que funde a fala como ato no sujeito.” (idem, *ibid.*, p.151). Então, podemos dizer que Lacan está se referindo à palavra como força de um ato, daquilo que faz a ação e que estabelece o sentido. Citamos:

Aqui chamamos de lei aquilo que se articula propriamente no nível do significante, ou seja, o texto da lei. (...) Com efeito, o que autoriza o texto da lei se basta por estar, ele mesmo, no nível do significante. Trata-se do que chamo de Nome-do-Pai, isto é, o pai simbólico. (idem, *ibid.*, p. 152).

Lacan segue dizendo da importância desse significante, que é a lei do Édipo ou a lei da proibição da mãe. É um significante essencial. O sujeito na psicose tem que suprir a falta desse significante. Na psicose, tudo se ordena em torno disso:

O Nome-do-Pai como aquele que é capaz de ratificar a mensagem, e que, por isso mesmo, é a garantia de que a lei como tal se apresente como autônoma. É esse o ponto de balança, de virada, que precipita o sujeito na psicose. (idem, *ibid.*, p.160)

Mas, afinal, o que é a psicose? Em seguida, estudaremos particularmente essa estrutura clínica.

2.2.1 A Psicose

Para que um diagnóstico não seja uma rotina de classificação pura e simples, é necessário que “ele cumpra a função de remeter à estrutura que o condiciona” (QUINET, 2006a, p.11). A construção de um caso clínico é a maneira que o psicanalista tem de fazer aparecer a estrutura do sujeito e seu consequente diagnóstico.

As estruturas clínicas psicanalíticas são divididas em neurose, psicose e perversão, desde Freud, que as construiu com base na psiquiatria clássica e que jamais foram abandonadas por Lacan. Segundo Colette Soler:

As categorias que utilizamos hoje provêm da psiquiatria clássica: neurose, perversão e psicose, esta última repartida em dois grandes tipos, esquizofrenia e paranoia. A cada uma dessas categorias podemos fazer corresponder um nome na história pré-psicanalítica. Para a paranoia, Kraepelin, para a esquizofrenia, Bleuler, para a perversão, Krafft-Ebing e para a neurose, Charcot. (SOLER, 1996 *apud* QUINET, 2006a, p.11).

Ao longo do século XIX, segundo o *Vocabulário da Psicanálise* (1986), o “termo ‘psicose’ espalha-se, sobretudo na literatura psiquiátrica de língua alemã para

designar as doenças mentais em geral, a loucura, a alienação. (...) Só no final do século XIX é isolado o par de termos opostos (...): neurose e psicose” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p.502).

Freud, desde os primeiros escritos e em suas correspondências com Fliess (MASSON, 1986), já fazia uma distinção bem clara entre psicose e neurose. Em 1914, Freud trabalha a sua teoria da repressão vinculada à ideia de uma representação desprazerosa para o eu. Declara que o recalque (*Verdrangung*) é a pedra angular da psicanálise: “A teoria da repressão é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise” (FREUD, 1914/1980, p.26).

Em 1923, Freud escreve dois ensaios sobre a psicose: “Neurose e Psicose” e “A perda da realidade na neurose e psicose”, em que postula a diferença entre essas estruturas. Segundo o autor: “(...) a diferença inicial assim se expressa no desfecho final: na neurose, um fragmento da realidade é evitado por uma espécie de fuga, ao passo que na psicose ele é remodelado.” (FREUD, 1924 [1923]/1980, p.231).

Freud supõe que as diferenças entre neurose e psicose se referem à intensidade da exclusão de uma representação (do desejo sexual), incompatíveis para o eu. A preocupação de Freud é essencialmente a de definir a noção de defesa e descobrir as suas modalidades atuantes em diversas afecções, fazendo uma distinção entre a neurose e a psicose no que se refere à realidade: “(...) Expresso de outro modo, a neurose não repudia a realidade, apenas a ignora; a psicose a repudia e tenta substituí-la” (ibid., loc. cit.).

Nesse mesmo ensaio, Freud demonstra que na psicose há uma substituição da realidade pelos fenômenos elementares: as alucinações: “Assim, a psicose também se depara com a tarefa de conseguir para si própria percepções de um tipo que corresponda à nova realidade, e isso muito radicalmente se efetua mediante a alucinação” (idem, ibid., p.232)

Freud segue o texto apontando que na psicose há um distúrbio de relacionamento entre o eu e o mundo externo, e o buraco que ficou nessa relação será obturado pelo delírio. Essa colocação tem todo o seu mérito, uma vez que nunca na história da psiquiatria os delírios assumiram um aspecto tão importante na compreensão da doença. Freud sublinha:

Com referência a gênese dos delírios, inúmeras análises nos ensinaram que o delírio se encontra aplicado como um remendo no lugar em que originalmente uma fenda apareceu na relação do ego com o mundo externo. O conteúdo da experiência retorna sob a forma de um pensamento que ocorre ao paciente como alucinação visual ou sensorial. O afeto reprimido parece retornar invariavelmente nas alucinações auditivas. (idem, *ibid.*, p.247).

Nessa passagem, Freud afirma que as relações da psicose com a castração é de uma ausência de discernimento sobre esta. O não querer saber do neurótico é diferente de um não saber nada disso do psicótico. O delírio e as alucinações são consequências da luta travada pelo eu para se defender de uma dor insuportável, a castração. Quinet esclarece que:

Em 1984, Freud, no artigo 'Psiconeuroses de defesa', afirmava que existe na psicose uma espécie de defesa muito mais enérgica e eficaz do que na neurose. Esse mecanismo consiste no seguinte: o eu rejeita (de *Verwefung*) a representação insuportável como se esta jamais tivesse alcançado o eu. Em 1895, no 'Rascunho H' enviado a Fliess, dizia que o objetivo da paranoia é rejeitar uma representação incompatível com o eu projetando seu conteúdo no mundo exterior, observando que a projeção é um mecanismo comum, não específico da paranoia, onde é utilizado apenas como defesa. (QUINET, 2006b, p.4).

Relendo Freud, Lacan vai dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Diremos com ele que o sujeito psicótico ignora a língua que fala. Ignora porque para atribuir significação aos seus significantes é preciso que ele (o sujeito psicótico) faça parte de um universo simbólico, visto que é através do simbólico que tudo no homem pode ser ordenado, no entanto o que caracteriza a estrutura psicótica é justamente a falta de amarração com o simbólico, ou seja, a expulsão do significante Nome-do-Pai do simbólico. O neurótico, como acredita na ideia de um sujeito suposto saber, está sempre referido a um saber e, portanto, pode organizar-se em torno de um ponto central, um ponto de amarração. Para o sujeito psicótico, não há amarração possível, também não pode orientar-se e organizar-se ao redor de um saber, como na neurose.

Portanto, somos testemunhas do tamanho sofrimento e esforço que o nosso paciente faz para construir um saber, uma amarração que possibilite significar os acontecimentos da sua vida. Augusto ignora a língua que fala. Conforme Lacan nos orienta na clínica da psicose: "O único modo de abordar, conforme a descoberta freudiana, é o de pôr a questão no próprio registro em que o fenômeno aparece, isto é, no da fala. É o registro da fala que cria toda a riqueza da fenomenologia da psicose." (LACAN, 1955–56/1988, p.47).

Ali onde Freud aponta para um princípio geral para todas as psicoses, Lacan (1957–58/1995) avança com o conceito de foraclusão, formalizado em *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957–58). Segundo Quinet:

Foraclusão é um neologismo que se utiliza em português para designar que não há inclusão, que o significante da lei está fora do circuito, sem deixar, no entanto, de existir, pois o que está foracluído do simbólico retorna no real. Foraclusão não é propriamente uma tradução do termo francês *forclusion* proposto por Lacan para equivaler ao termo freudiano *Verwerfung*. É antes uma interpretação. (QUINET, 2006b,p.15).

Em “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”, Lacan diz:

A *Verwerfung* original será tida por nós, portanto, como *foraclusão* do significante. No ponto em que, (...) é chamado o Nome-do-Pai, pode pois responder no Outro um puro e simples furo, o qual, pela carência de efeito metafórico, provocará um furo correspondente no lugar da significação fálica”. (LACAN, 1959/1998, p.564).

A foraclusão do Nome-do-Pai vai se tornar, segundo Soler (2007), o conceito central no entendimento da estrutura psicótica:

Partimos da doutrina da foraclusão: ela é a pedra angular do edifício. Com ‘De uma questão preliminar...’, Lacan inclui a psicose no que chamou de função e campo da fala e da linguagem. Afirmou que a relação com o significante, obra da linguagem, é o que constitui a unidade da neurose e da psicose. O que constitui sua unidade e também sua diferença. Observo, de passagem, que essa inclusão da psicose no campo dos fatos da linguagem é situada por ele como parte do “aspecto do fenômeno”, daquilo que aparece, portanto, ao passo que na neurose, ao contrário, a estrutura linguageira do sintoma só aparece por meio da decifração. Lacan definiu a foraclusão como uma falha, uma ausência no nível do Outro: a ausência de um significante, o ‘Nome-do-Pai’, e de seu efeito metafórico. ‘Esse acidente’, diz ele, ‘confere à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose’. (SOLER, 2007, p.11–2).

Portanto, a foraclusão do Nome-do-Pai vai impedir que a cadeia significante do nosso paciente seja amarrada em torno de uma significação fálica.

Lacan pelo aforismo “o inconsciente estruturado como uma linguagem” situa os distúrbios da linguagem como fenômenos elementares na psicose. O avanço lacaniano sobre a questão é indissociável dessa referência teórica. Foi em 1953, em seu ensaio “Função e Campo da fala e da linguagem em psicanálise”, que Jacques Lacan o introduz (1953/1998, p.255). Esse aforismo vai marcar toda a sua obra e se tornará a pedra fundamental do seu ensino. Nos parágrafos a seguir, faremos um breve resumo do percurso feito por Lacan para entendermos como ele chegou à sua principal e mais importante formulação. Para introduzi-lo, utilizaremos alguns

conceitos básicos formulados por Sigmund Freud que foram retomados por Lacan na construção do seu ensino, pois conforme nos lembra Lacan:

(...) o método instaurado por Breuer e Freud foi, logo depois de seu nascimento, batizado por uma das pacientes de Breuer, Anna O., com o nome de 'talking cure'. Recordemos que foi a experiência inaugurada com essa histérica que os levou à descoberta do acontecimento patogênico chamado traumático. (ibid., loc. cit.).

Em 1893, Sigmund Freud publica um texto em coautoria com Joseph Breuer intitulado "Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos: Comunicação Preliminar". Esse ensaio revela as primeiras investigações acerca da etiologia dos sintomas histéricos. Freud propunha que "Os histéricos sofrem principalmente de reminiscências" (FREUD, 1893-95/1980, p.45), ou seja, dentro do seu psiquismo haveria registros de vivências traumáticas dissociadas do restante da consciência expressados sob a forma de sintomas. O sintoma histérico se manifestaria quando o afeto dissociado da consciência adquire intensidade suficiente encontrando uma via de escoamento no corpo, denominado de conversão. Desse modo, uma parte ou uma função do corpo histérico estaria a serviço dessas reminiscências. Esse tratamento realizado inicialmente por Breuer e Freud, entre 1880 e 1882, baseados em um método novo, demonstrou que os sintomas histéricos desapareciam quando eram rememorados. Segundo Freud:

É que verificamos, a princípio com grande surpresa, que cada sintoma histérico individual desaparecia, de forma imediata e permanente, quando conseguíamos trazer à luz com clareza a lembrança do fato que o havia provocado e despertar o afeto que o acompanhara, e quando o paciente havia descrito esse fato com o maior número de detalhes possível e traduzido o afeto em palavras. (idem, ibid., p.44).

Ficava assim provado que os sintomas histéricos tinham uma causalidade psíquica e que, portanto, podiam ser desfeitos, à medida que a paciente lembrava os eventos traumáticos e verbalizava-os. A histérica deveria expressar em suas próprias palavras a experiência traumática. Pode-se dizer que os sintomas desapareciam quando colocava em palavras o seu sofrimento, inserindo-o numa narrativa pessoal, descarregando a sua intensidade original que ficara retida no corpo, ou melhor, convertida para o corpo.

A palavra para psicanálise, desde os seus primórdios, mostra sua função essencial, a modificação da economia psíquica. Entendemos com isso a expressão utilizada por Anna O., ao descrever o seu tratamento como "talking cure" ou a cura

pela palavra. A função da palavra é descrita por Freud e Breuer nos primórdios do nascimento da psicanálise e se manterá ao longo de toda a construção da teoria. Conforme Lacan pontua ao dizer sobre o processo analítico:

Apesar de todos os esforços que podemos fazer para esquecer a palavra, ou para subordiná-la a uma função de meio, a análise é, enquanto tal, uma técnica da palavra, e a palavra é o meio mesmo no qual ela se desloca. É em relação à função da palavra que as diferentes instâncias da análise se distinguem umas das outras, e tomam seu sentido, seu lugar exato. Todo o ensino que desenvolveremos em seguida não fará senão retomar essa verdade sob mil formas. (LACAN, 1953-54/1986, p.298).

2.2.1.1 Lacan e a psicose

É na sociedade neurológica, em quatro de novembro de 1926, que Jacques Lacan faz sua primeira apresentação de doentes sob a direção de um neurologista, Théophile Alajouanine, segundo sua biografia escrita pela historiadora e psicanalista Elizabeth Roudinesco (1994). Essa apresentação ocorreu no mesmo dia em que era fundada a Sociedade Psicanalítica de Paris, na qual Lacan vai se inserir oito anos depois, e que, quatro anos depois de sua inserção, será considerado titular. Nesse meio tempo, segundo a historiadora, Lacan fez um percurso clássico, passando da neurologia à psiquiatria.

Entre 1927 e 1931, Lacan estudou a clínica das doenças mentais no Hospital Manicomial em Paris e estagiou na enfermaria especial da polícia para onde eram levados com urgência os indivíduos “perigosos”. Em agosto de 1930, partiu para um estágio de dois meses em Zurique, na clínica de Burghozli, onde Jung e Eugen Bleuler haviam inventado, no início do século XX, uma nova abordagem da loucura, fundadas na nosografia e na escuta da fala dos doentes. Vale ressaltar que durante alguns anos Jung foi muito próximo de Freud, onde absorveu e aprendeu a importância da escuta dos doentes para a prática psicanalítica (ROUDINESCO, 1994).

Em novembro de 1931, Lacan apresentou um caso de paranoia feminina, o caso Marcelle, uma professora de 34 anos de idade, que se considerava Joana D’Arc e queria regenerar a França. Ao apresentar esse caso, Lacan citava também os trabalhos de Pfersdorff e de Guilhem Teuleé sobre a esquizofrenia, de Head sobre a afasia e de Henry Delacroix sobre a linguagem e o pensamento. Nesse período da sua vida profissional, encontramos as raízes para entender a origem da associação entre linguagem e inconsciente: as anomalias da fala e os distúrbios de

linguagem associados à estrutura clínica da psicose, influenciado pelo estruturalismo nascente, com seus principais pensadores como Lévi-Strauss (eficácia simbólica), Roman Jakobson (metáfora e metonímia) e Ferdinand de Saussure (o significante/significado) (idem, *ibid.*).

Ferdinand Saussure foi um linguista suíço cujas contribuições teóricas propiciaram o desenvolvimento da linguística enquanto ciência e desencadearam o surgimento do estruturalismo. Deu aulas na Universidade de Genebra, as quais foram compiladas por seus alunos resultando em uma publicação póstuma: *Curso de Linguística geral*, de 1916. Saussure tratou das questões da linguagem com um rigor teórico e uma metodologia nova, considerando a língua como um sistema. Segundo Saussure, é através da língua que o pensamento, caótico por natureza, tende a se organizar. Em sua teoria, o signo linguístico é formado pelo significado (conceito) + o significante (imagem acústica), formando um conjunto inseparável. Na relação entre os dois, emerge a significação cujo valor será determinado dentro de um sistema de signos. (SAUSSURE, 1916/2006).

A formulação de Lacan do aforismo “O inconsciente estruturado como uma linguagem” utiliza-se do algoritmo saussuriano, marcando uma diferença. Ele demonstra que não há possibilidade do signo ser único e linear e inverte os termos: o significante (imagem acústica) passa a ficar na parte superior, acima da barra que separa o significante do significado. (LACAN, 1955–56/1988, p.191). O significante deve sempre ficar na parte superior da barra, representado por S maiúsculo e o significado ficará abaixo, representado por s minúsculo: $\frac{S}{s}$. O significante é maiúsculo porque seu valor é prevalente, o falante desliza de significante em significante sem conseguir entender o que fala. A barra demonstra a resistência ao significado. Este significado é atingido por meio das formações do inconsciente: os sonhos, atos falhos, esquecimento dos nomes, entre outros. Em resumo, ao contrário do senso-comum, é quando há um tropeço na fala que a verdade emerge. Portanto, Lacan foi buscar na linguística elementos para trabalhar a psicanálise, elementos para recuperar uma distorção feita sobre a obra de Sigmund Freud.

Lacan toma o principal texto de Freud, “A Interpretação dos Sonhos”, publicado em 1900, para reforçar a subversão proposta por Freud, este novo campo de saber, a psicanálise: que no mecanismo de formação do pensamento onírico há um outro que pensa em mim, ou seja, o inconsciente, um sistema que tem uma

organização própria, com leis próprias e mais forte que a consciência. Os homens, portanto, são dirigidos pelo inconsciente, leis que eles desconhecem, mas que são imperativas. “Resumida e superficialmente, podemos dizer que a descoberta do inconsciente aponta para o fato de que *o homem é ali onde não pensa e pensa onde não é.*” (CARNEIRO RIBEIRO, 2006, p.12). Por isso, nos sonhos, que são manifestações do inconsciente, fazemos misturas paradoxais.

Segundo Freud (1900/1980), há uma transformação do conteúdo latente do sonho em conteúdo manifesto regido pela censura; essa operação se dá através de dois mecanismos: a condensação e deslocamentos. A condensação é o mecanismo pelo qual uma representação inconsciente concentra os elementos de uma série de outras representações. Deslocamento, por sua vez, é o mecanismo em que uma representação é substituída por outra. “Lacan utiliza a metáfora para mostrar o que Freud chama de condensação” (QUINET, 2000, p.31), e o deslocamento por metonímia, influenciado, segundo Quinet, pela linguística:

Lacan propõe, a partir de Freud, duas formas, e apenas duas formas, de articulação dos significantes, designando-as por ‘as leis do inconsciente’, no texto ‘A instancia da letra no inconsciente ou A razão desde Freud’. (...) Nele propõe as leis do inconsciente, que correspondem do ponto de vista da linguística, à condensação e ao deslocamento descrito por Freud em ‘A interpretação dos sonhos’. Quais são essas duas leis? A metáfora e a metonímia. (ibid. loc. cit.).

O homem quando nasce está imerso em um universo simbólico, representado pela fala; esta presentifica, na palavra, a linguagem. Falar é antes de qualquer coisa falar aos outros, “implica o reconhecimento do Outro e a articulação, em palavras, da demanda e do desejo em relação a Outro” (idem, ibid., p.43). Tal como em Saussure, a língua é um sistema tal como uma rede de relações. Entendemos com Quinet (idem) que a linguagem, para Lacan, “trata-se da articulação dos significantes entre si com suas leis: a metáfora e a metonímia”.

Os distúrbios de linguagem estão presentes na estrutura clínica da psicose, podemos observar vários fenômenos como os neologismos, palavras empregadas fora de sentido, em que predomina um vazio de significação. “O mundo se transforma num vasto lençol de hieróglifos” (SOUZA, 1999, p.19). Inesperadamente, mas não sem explicação, para o nosso paciente Augusto, as palavras perderam o sentido: **“Já não leio mais. Não leio, e quando o faço não entendo o que leio, não sei o que estou lendo”.**

A seguir, trabalharemos a paranoia, fazendo um breve histórico do conceito, e para tal percorreremos resumidamente alguns conceitos da psiquiatria clássica com as considerações de Lacan, com o objetivo de ratificar o diagnóstico proposto para nosso paciente.

2.3 A PARANOIA NA HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA

A partir da classificação de Heinroth¹, a sistemática da psicopatologia começa a distanciar-se do modelo Pinel-Esquirol, não só pela distribuição diversa que faz das espécies, mas sobretudo pela criação de categorias novas baseadas em outro critério de discriminação, ampliando o campo da loucura, em particular, a paranoia. Heinroth a define como: “falta de liberdade do espírito, com exaltação da faculdade de pensar, perversão das ideias, devido a sensações não interrompidas” (HEINROTH apud PESSOTTI, 1999, p.64). Até Heinroth, a paranoia era um dos fenômenos da *Demencia precox*, conforme vimos, e as ideias delirantes faziam parte de sua sintomatologia.

Em 1879, Krafft-Ebing vai definir a paranoia como uma síndrome de delírios crônicos, na qual as representações apresentam coerência interna, diferenciada das formas agudas. A palavra psicose só vai aparecer na introdução de seu “Tratado Clínico e Prático das Doenças Mentais” (1886), de R.Von Krafft-Ebing. Conforme Isaias Pessoti (1999), seu sentido é muito diverso do que será descrito por Freud. Nesse tratado, Krafft-Ebing designa dois grandes grupos da psicose, o das psiconeuroses e o das degenerações psíquicas, que incluem doenças que diferem segundo o estado do cérebro por ocasião do início da doença: “(...) Para os distúrbios que atingem os indivíduos com cérebro intacto, pode valer a denominação de “psiconeuroses”, para os que se desenvolvem sobre o fundo de um cérebro lesado, pode valer a expressão ‘degenerações psíquicas’ (...)” (Krafft-Ebing apud PESSOTTI, 1999, p.3).

Em 1899, em seu *Tratado de Psiquiatria*, Emil Kraepelin propõe uma delimitação precisa do termo paranoia, separando-a definitivamente das formas agudas, dentre as quais da esquizofrenia.

¹ Johann Christian Heinroth (1773–1843). Médico alemão, foi o primeiro a propor que a psiquiatria fosse reconhecida como disciplina médica distinta; a partir de 1811, ocupou a primeira cátedra da psiquiatria na universidade de Leipzig. Heinroth criou o termo “medicina psicossomática”. (CAMPBELL, 1986).

Na tese de doutoramento de Jacques Lacan (1932) é feito um detalhado estudo sobre a história da paranoia, donde podemos constatar o quão generalizado o termo era empregado pelos psiquiatras até o nascimento da psicanálise:

Na verdade, o termo possuía então uma extensão que tornava seu emprego singularmente afastado daquele a que é agora designado. Kraepelin em seu tratado, Bouman de Utrecht também num artigo recente, e não sem alguma ironia, evocam o tempo em que 70 a 80% dos casos de asilo eram catalogados como paranoia. (LACAN, 1932/1987, p.9).

Lacan (idem) destaca que o Tratado de Kraepelin, além de clarificar as concepções alemãs, só definiu a paranoia na edição de 1899. Segundo Lacan, Kraepelin postula que a evolução da paranoia se daria através:

(...) de desenvolvimento insidioso, sob a dependência de causas internas e segundo uma evolução contínua, de um sistema delirante duradouro e impossível de ser abalado, e que se instaura com uma conservação completa da clareza e da ordem no pensamento, na vontade e na ação. (idem, *ibid.*, p.11).

O conceito de paranoia, que até Kraepelin permanecia muito próximo das definições em curso, Lacan vai afirmar que “A posição adotada por Kraepelin em relação à paranoia legítima é, sem dúvida surpreendente” (idem, *ibid.*, p.48).

A psiquiatria francesa, através de Sérieux e Capgras, diferencia e acrescenta às descrições de Kraepelin formas de delírios interpretativos e reivindicativos. Lacan nos conta, em *O Seminário, livro 3: as psicoses*, que um paranoico, no momento em que foi introduzida na nosologia psiquiátrica francesa, era “uma pessoa má, intolerante, um tipo de mau humor, orgulho, desconfiança, suscetibilidade, sobreestimação de si mesmo” (LACAN, 1955-56/1988. p.13). Génil-Perrin mantém o olhar caracteriológico da paranoia, qualificando o sujeito paranoico como tendo uma estrutura perversa do caráter, ou seja, tendo um “exagero desmedido dos traços de seu caráter intratável” (idem, *loc. cit.*).

É importante assinalar a importância de Gaetan Gatian de Clérambault, na tradição clássica da psiquiatria francesa e na influência exercida em Lacan para dar sua original concepção sobre a paranoia. Clérambault visava isolar e sistematizar as principais entidades nosográficas a partir de um trabalho minucioso de observação e análise (PEREIRA, 2001) — trabalhava na enfermaria especial da Prefeitura de Polícia, para onde eram encaminhados sujeitos em estado agudo de descompensação psíquica para avaliação psiquiátrica e para que fosse decidido que

destino dar a eles: internação em um dos hospitais parisiense, alta ou encaminhamento à autoridade policial.

Clérambault destacou-se na preparação de laudos por um estilo conciso e preciso de seus registros clínicos que se tornaram paradigmas da apresentação de casos em psiquiatria. Para Clérambault, diferentemente de Kraepelin e de outros, cabia a difícil tarefa de investigar o agudo, o momentâneo, e dentro dele distinguir o estrutural. Seu legado teórico é grande: estudos sobre a manifestação de epilepsia, dos delírios alucinatórios tóxicos e sobre delírios coletivos. Mas, sobretudo e principalmente, pela descrição da erotomania e por sua teorização da “síndrome de automatismo mental”. O delírio da erotomania caracteriza-se pela crença na qual o sujeito acredita ser ardentemente amado por uma pessoa, em geral famosa e inacessível, que começa a assediá-lo.

Na concepção de Clérambault, o grupo das psicoses paranoides deveria ser dividido em duas subcategorias: as psicoses passionais de um lado, e o delírio de interpretação, de outro. O caráter mecanicista e linear das ideias de Clérambault, que concebia a síndrome como uma manifestação direta e irreduzível da lesão cerebral, foi duramente criticado por seus compatriotas. Entretanto, Lacan, discordando desses críticos, tomou os estudos de Clérambault para trabalhar a paranoia, e disse ser ele um representante da psiquiatria clássica que muito contribuiu para a compreensão do diagnóstico de paranoia. Conforme descreve Pereira, “É provavelmente o caráter rigoroso de sua clínica que fez Lacan reconhecer em Clérambault seu ‘único mestre em psiquiatria’” (PEREIRA, 2001, p.144).

Lacan em seu seminário sobre as psicoses é afirmativo ao dizer que a obra de Clérambault é “absolutamente indispensável” ao se estudar as psicoses (LACAN, 1955–56/1988, p.14). Ela tem “um valor clínico concreto”, pois, afirma Lacan, Clérambault descreveu muitas síndromes clínicas que desde então foram incorporadas ao “patrimônio da experiência psiquiátrica” (idem, loc. cit.). O que Lacan é explícito em refutar sobre a síndrome de automatismo mental é a ideia de que restituir o sentido na cadeia dos fenômenos seja, para muitos, compreender os doentes. Com a psicanálise, Lacan é categórico ao dizer: compreender o sentido do pensamento delirante do paciente é do que menos se trata, pois “a compreensão só é evocada”, para a psicanálise, “como uma relação sempre no limite. Desde que dela nos aproximamos, ela é, a rigor, inapreensível” (idem, ibid. p.15).

Em sua tese, publicada como “Primeiros Escritos sobre a Paranoia”, Lacan debruça-se sobre um caso, denominado “O caso Aimée” — um caso de psicose paranoica cujo acompanhamento Lacan fez durante cerca de um ano e meio. O que caracteriza esse caso é a gama quase completa de temas paranoicos. Delírios de perseguição e de grandeza nele se combinam. Os primeiros se exprimem em ideias de ciúme e dano. Quanto aos temas de grandeza, eles se traduzem em sonhos de evasão para uma vida melhor e em realizar uma grande missão.

Sigmund Freud (1911/1980, p.15) parte da análise de um relato autobiográfico para contribuir de forma significativa para o estudo da paranoia — conhecido como o caso Schreber. A primeira doença do Dr. Schreber, nos conta Freud (idem, p.27), começou no outono de 1884, tendo então passado seis meses na clínica do Dr. Flechsig, quem o diagnosticou como tendo uma crise grave de hipocondria. Em junho de 1893, Schreber foi informado de sua provável indicação para um cargo importante; em fins de outubro de 1893, manifestou a sua segunda enfermidade, com um acesso de insônia, forçando-o a retornar a clínica do Dr. Flechsig, onde sua condição piorou: “No início de seu internamento ali, expressava mais ideias hipocondríacas, queixava-se de ter um amolecimento do cérebro, de que cedo morreria etc. Mas ideias de perseguição já surgiam no quadro clínico”, nos indica Freud (idem, p.28). Mais tarde, alucinações visuais e auditivas tornaram-se frequentes. Suas ideias delirantes assumiram gradativamente caráter religioso, achava-se em comunicação direta com Deus. Em ambas as crises, fatores em relação à nomeação de cargos profissionais antecederam esses momentos. Schreber possui dois elementos fundamentais no seu delírio: sua transformação em mulher e sua relação favorecida com Deus.

É importante ressaltar que Freud, logo no início da psicanálise, já havia sublinhado, no “Rascunho H”, a respeito das ideias delirantes: “Em todos os casos a ideia delirante é sustentada com a mesma energia com que uma outra ideia, intoleravelmente penosa, é rechaçada do ego. Assim, essas pessoas amam seus delírios como amam a si mesmas. É esse o segredo” (FREUD, 1950 [1892-99]/1980, p.232).

Freud utiliza o conceito de bissexualidade inata do ser humano, descrito em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (FREUD, 1905/1980, p.134) — trabalho onde descreve os estádios do desenvolvimento da libido —, como ponto de partida na compreensão da paranoia. A criança começa por tomar a si própria, seu próprio

corpo, como objeto amoroso, sendo apenas mais tarde que passa a escolha de objeto, ou seja, o interesse por alguma outra pessoa que não ela mesma. Essa primeira fase é denominada por Freud de autoerotismo. Após a escolha objetal heterossexual, as tendências homossexuais não são postas de lado ou interrompidas, são desviadas de seu objetivo sexual e direcionadas a constituir os laços sociais. Ainda nos “Três Ensaio” (ibid., p.242), o autor defende que há uma possibilidade de fixação em cada estágio do desenvolvimento, e aqueles que não se libertaram completamente da fase de autoerotismo acham-se expostas ao perigo, caso a libido não ache escoadouro para de retornar regressivamente ao ego. Ou seja, na paranoia há uma fixação nessa fase.

O mecanismo de formação de sintomas na paranoia, segundo Freud (1950 [1892-99]/1980, p.234), exige que o conteúdo e o afeto da ideia incompatível sejam projetados para o mundo externo, o que é a característica mais notável na formação dos sintomas. Nos delírios de perseguição, a deformação consiste numa transformação do afeto, na qual o que deveria ter sido sentido internamente como amor é percebido externamente como ódio. Desse modo, após recalcada, a libido homossexual retornaria com a falência das defesas, e o ego, para se defender, utiliza a paranoia através de um mecanismo de projeção, manifestado clinicamente através dos delírios de perseguição. Freud observa que podemos detectar um elemento da megalomania na maioria das paranoias, sendo ela essencialmente de natureza infantil, e que à medida que o desenvolvimento progride, ela é sacrificada às considerações sociais.

Freud situava a paranoia ao lado das neuroses, por entender que haveria uma forma de defesa contra uma representação inconciliável.

Ora, sucede a paranoia, na sua forma clássica, é um modo patológico de defesa, tal como a histeria, a neurose obsessiva e a confusão alucinatória. As pessoas tornam-se paranoicas diante de coisas que não conseguem tolerar, desde que para isso tenham a predisposição psíquica característica. (idem, ibid., p.229).

A respeito desse acontecimento traumático a que se refere Freud, relembremos o momento deflagrador da crise de Augusto a bordo da plataforma marítima. Há uma identidade criada no meio dos trabalhadores *offshore* de ser integrante de um tipo especial de trabalhadores que usam a mesma vestimenta, o macacão laranja, e que gozam de um certo status no meio da população (salários mais altos), e um orgulho de ser petroleiro. Esses fatos fazem com que sejam unidos

e criem defesas como estratégias de enfrentamento do confinamento ao qual são submetidos. Augusto tinha orgulho de ser petroleiro, assim como seu pai, também trabalhador offshore. Augusto estava empregado em uma das maiores empresas de serviço *offshore*, e vinha trabalhando muito bem, até o episódio em que foi advertido, humilhado, xingado de macaco e expulso da plataforma. A queda de um significante ideal que estava suprindo a forclusão do Nome-do-Pai não necessariamente desencadeia a melancolia, como vimos no capítulo da discussão diagnóstica, mas desencadeia um surto paranoico. Neste caso, o sujeito perde o seu significante mestre S1 que o mantinha identificado, ou melhor dizendo, retendo-o no lugar que o possibilita entrar no laço social, como é o caso da nossa hipótese sobre o caso Augusto, em que a equivocidade do significante *macacão* leva-o à desestabilização.

Quinet (2006a), em seu livro *Psicose e laço social*, demonstra que a distinção entre a esquizofrenia e a paranoia, dois tipos clínicos da psicose, está presente desde a descrição da psiquiatria clássica: “Enquanto na esquizofrenia preponderam os distúrbios da associação de ideias (Bleuler), na paranoia predominam as interpretações (Sérieux et Capgras)” (ibid., p.59). Quinet esclarece, então, a diferença fundamental entre a esquizofrenia e a paranoia:

No registro imaginário — âmbito do narcisismo, isto é, da imagem, do eu e do sentido — há “regressão”, segundo Freud, ao autoerotismo no caso dos esquizofrênicos e ao narcisismo na paranoia. Daí encontrarmos nos primeiros, em relação ao estágio do espelho, as imagens do corpo despedaçado e, portanto tendência à fragmentação do corpo (não-unificado), inconstituição do eu, assim como a dispersão do sentido. Na paranoia prepondera a fixação à imagem do outro (a-a`), o congelamento do sentido e a ênfase do eu que vai até a megalomania. (idem, ibid., p.59).

No registro do real, no que concerne ao gozo, na paranoia há uma concentração do gozo no Outro, na figura do supervisor, no caso de Augusto. Na paranoia também o sujeito é fixado, ou melhor, retido por um significante que tem a característica de ser um significante ideal. Quinet (idem) propõe então que a especificidade da paranoia seja o mecanismo da *Verhaltung* (retenção) de um significante mestre ao qual o sujeito fortemente adere. Podemos pensar que, no caso clínico em questão, o significante macacão, símbolo dos homens *offshores*, seja o significante que ficou retido para o paciente, na medida em que sua queda trouxe ao paciente não poder mais se sustentar no laço social. Quinet (ibid., p.61) propõe um quadro explicativo para o entendimento da paranoia nos registros do simbólico, do real e do imaginário.

	Paranoia	Esquizofrenia
Imaginário	Retorno ao narcisismo Fixação da imagem e do sentido Um corpo preso na imagem do outro Eu enfatuatedo	Retorno ao autoerotismo Dispersão da imagem e do sentido Imagens do corpo despedaçado Eu fragmentado
Real	J(A) Gozo do Outro	Dispersão do gozo
Simbólico	<i>Verhaltung</i> (retenção) do Um NP e DM/x Megalomania Outro consistente	Dispersão não há Um NP – não há DM/x Outro fragmentado

No seu artigo o “O número um, o único”, publicado no livro *Na Mira do Outro* (2002), Quinet reforça que na paranoia o significante da lei (NP) é submetido à *Verwerfung* (foraclusão), e o significante do traumatismo (st) à *Verhaltung* (retenção):

Na paranoia, o significante da lei (NP) é submetido à *Verwerfung* (foraclusão), e o significante do traumatismo (st), à *Verhaltung* (retenção). O st não é submetido ao recalque, não se desloca, não desliza na cadeia significante. Ele congela, retendo o sujeito, preso então a esse significante que traz um gozo conotado como excessivo e desprazeroso. O S1, por sua vez, obedece ao destino da foraclusão: o que está foracluído retorna no real. É o que aparece, de forma exemplar, na injúria alucinatória, em que o sujeito é maximamente recriminado (...) O sujeito passa a interpretar o que vem do Outro como sinal de hostilidade. (QUINET, 2002, p15–6).

Esse retorno no real são as vozes escutadas de forma alucinatória, atribuída ao Outro; vozes impositivas e recriminatórias que transformam a sua relação com o Outro em uma relação persecutória. A foraclusão faz com que exista para o sujeito sinais do lado do Outro. Segundo Quinet (idem), para o paranoico, como efeito da foraclusão do Nome-do-Pai, o Outro não tem lei, e é por isso que ele tenta colocar a lei no Outro, acusando-o, montando processo, recorrendo à justiça. (ibid., p.19).

Augusto, após ter sido xingado de macaco, foi procurar a polícia para fazer um boletim de ocorrência. Ao tentar fazê-lo, foi orientado a só lavrar a ocorrência no caso de testemunhas, porém seus amigos que presenciaram a cena a bordo recusaram-se a prestar depoimento a seu favor. Pediu, então, ajuda à sua empresa, que o desaconselhou a prestar queixa. Augusto tentou ainda prestar queixa à polícia federal, sem sucesso. Foi então que resolveu fazer justiça com suas próprias mãos: **“Eu mesmo vou acertar contas com A. e S., se tiver que ser um homem-bomba,**

eu serei um. No dia em que menos esperar, chego com a mochila cheia de bomba e descarrego. Onde está a justiça? Pego a linha de gás, dou um jeito de levar dinamite ou eu mesmo fabrico (acho que é pólvora-salitre-carvão) e coloco esta porra no chão! Derrubo tudo. Eu sou a favor do Bin Laden, ele está certo em fazer o que fez com os Estados Unidos”. Tais palavras de Augusto corroboram com Quinet, quando diz que: “O paranoico respira um ambiente jurídico e frequentemente se coloca como o paradigma da Lei: ele não a aceita quando vem do Outro, pois a representa” (QUINET, 2002, p.19).

Tendo sido estudada, brevemente, a paranoia, trabalharemos no próximo capítulo a questão dos atos agressivos que muitas vezes respondem por atos criminosos. Para isso, tomaremos a questão sobre a instauração da lei na cultura e um pequeno estudo sobre o crime, através do caso Aimeé e o crime das irmãs Papin, que serão focos de nossa atenção. Desse modo, abriremos para a questão que norteia esta dissertação de mestrado, a saber: seria o sujeito paranoico mais vulnerável do que os outros tipos a cometer atos criminosos?

3 A LEI E O CRIME

Lacan começou a se interessar pelo estudo da paranoia e dos atos criminosos ainda como residente em psiquiatria, no Hospital Sainte-Anne. Neste hospital, acompanhou durante um ano um caso de paranoia de autopunição. Marguerite Pantaine, cuja identidade Lacan dissimulou sob a alcunha de Aimée, fez com que ele passasse da clínica psiquiátrica à investigação psicanalítica. Antes de se encontrar com Aimée, em 18 de junho de 1931, Lacan já estava debruçado sobre o assunto da paranoia, a qual o permitiu efetuar uma síntese de três domínios do saber: a clínica psiquiátrica, a doutrina freudiana e o segundo surrealismo. Segundo Roudinesco (2008), com o caso Aimée e todo esse conhecimento adquirido, Lacan elaborou a tese de medicina, “Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade”, que foi publicada em 1932 e o fez um chefe de escola (ibid., p.51–2).

O crime cometido por Aimeé é fruto de interpretações delirantes, sendo diagnosticada por Lacan de paranoia de autopunição — veremos adiante os detalhes do caso e a interpretação de Lacan. Em uma enfermaria especial junto à delegacia de polícia, Lacan trabalhava como psiquiatra, demonstrando seu interesse pelos atos criminosos.

Freud reputa à humanidade dois crimes: o parricídio e o incesto. Para Freud, o mito do parricídio expresso em “Totem e Tabu” (1913 [1912–13/1980]) marca a existência de um crime na história da humanidade, sendo assim, só pode existir o que chamamos de civilização em decorrência desse crime. Freud no texto “Dostoievski e o parricídio” (1928 [1927]) descreve duas características, que em sua opinião são fundamentais para compor um criminoso: “um egoísmo sem limite e um forte impulso destrutivo” (FREUD, 1927-28/1980, p.206).

Lacan, em 1951, em uma comunicação durante a XIII Conferência dos psicanalistas de língua francesa, ao introduzir o tema da criminologia como interlocução com a psicanálise, adverte, de saída, que a busca da verdade nas ciências do homem é um problema para estabelecer seus limites legítimos, e que a psicanálise deve repensá-la, “como nos é recomendado fazer incessantemente, em função de um novo objeto” (LACAN, 1951a/1998, p.128). Desse modo, Lacan lança uma questão:

(...) não seria a busca da verdade o que constitui o objeto da criminologia na ordem das coisas judiciais, e também o que unifica suas duas faces: a verdade do crime em sua face policial, a verdade do criminoso em sua face antropológica? (ibid., p.127).

O tema da violência e do crime há muito intriga os mais diversos pensadores. Às vésperas da invasão nazista na Áustria, Alberto Einstein e Sigmund Freud, ambos já mundialmente famosos — Einstein já havia recebido o Prêmio Nobel de Física, em 1921 —, trocam correspondência cuja temática é a guerra e principalmente os aspectos humanos envolvidos na destrutividade e na crueldade da guerra. (FREUD, 1933 [1932]/1980).

Einstein indaga Freud se existe alguma forma de livrar a humanidade da ameaça da guerra. Posteriormente, questiona o que leva os homens à inclinação para a prática da destrutividade e crueldade (idem, ibid.). Freud responde, em setembro de 1932, dois meses após ter recebido a carta de Einstein, com vários aspectos interessantes, no entanto, nos deteremos no trecho em destaque, devido ao interesse para nosso estudo:

O senhor expressa surpresa ante o fato de ser tão fácil inflamar nos homens o entusiasmo pela guerra, e insere a suspeita de que neles existe em atividade alguma coisa — um instinto de ódio e de destruição — que coopera com os esforços dos mercadores da guerra. Também nisto apenas posso exprimir meu inteiro acordo. Acreditamos na existência de uma pulsão desta natureza, e, durante os últimos anos temo-nos ocupado realmente em estudar suas manifestações (ibid., p.252).

Freud segue assinalando que existem duas pulsões humanas: aquela que tende a unir (Eros) e a outra que tende a destruir e matar (Tânatos), esta agrupada como pulsão agressiva ou destrutiva. Ressalta que uma pulsão está sempre acompanhada da outra. Reside na existência da pulsão de morte o desejo da agressão e destruição, as incontroláveis crueldades que encontramos na história e em nossas vidas todos os dias, atestando a sua existência e a sua força. Em suas

palavras: “A pulsão de morte torna-se pulsão destrutiva quando, com o auxílio de órgãos especiais, é dirigida para fora, para objetos. O organismo preserva sua própria vida, por assim dizer, destruindo a vida alheia”. (idem, *ibid.*, p.254).

Dessa maneira, podemos dizer que em todos habita o desejo de destruição, e o que a guerra faz é permitir a sua manifestação.

Podemos acompanhar o percurso de Freud, a partir do livro “A Interpretação dos Sonhos”, de 1900, para um entendimento da natureza humana. A parte que nos interessa intitula-se “A responsabilidade moral pelo conteúdo dos sonhos”, é uma reflexão de Freud sobre os sonhos de natureza imoral.

Freud (1900/1980) pergunta qual a implicação do sujeito no conteúdo do sonho: o sujeito deve ser responsabilizado por eles? Na pesquisa realizada por Freud, fica claro que a maioria do conteúdo dos sonhos é constituída de realização de desejos imorais e que no mundo da realidade mereceriam castigos severos previstos na lei. Deve o sonhador ser responsabilizado? Caso sim, com certeza não haveria cadeia que possibilitasse confiar a todos nós sonhadores. Ou seja, o núcleo do sonho transgride a Lei.

Podemos também indagar por que o crime atrai tanto, mesmo sendo uma conduta transgressora. Para reforçar essa resposta vista em Freud, Carlos Alberto Elbert, em seu *Manual Básico de Criminologia*, afirma:

De acordo com a imagem que pretendem irradiar a lei e as instituições, caberia pensar que os fenômenos delitivos deveriam despertar repulsa, desprezo e indiferença, mas, de fato, ocorre justamente o contrário. Acontece que a transgressão é tão antiga quanto as normas, porque, onde quer que se estabeleçam, haverá alguém que as desobedeça ou desafie, e nós, os seres sociais, somos parte inseparável desse jogo (ELBERT, 2003, p.39).

A ideia de uma sociedade livre do delito é uma utopia absoluta, porque, como veremos em Freud, a Lei nasce do crime, e não há crime sem Lei.

3.1 TOTEM E TABU E A INSTAURAÇÃO DA LEI

O mito do parricídio expresso em outro texto de Freud denominado “Totem e Tabu”, de 1913, destaca a existência de uma violência estrutural na história da vida humana. Houve um crime no nascimento da civilização, e com ele a lei foi instaurada. Freud ao realizar o estudo sobre a proibição do incesto faz uma análise

da *Psicologia dos Povos Primitivos*, de J.G.Frazer², que escolheu como base desse estudo os aborígenes da Austrália. Freud sublinha:

Naturalmente não era de se esperar que a vida sexual desses canibais pobres e desnudos fosse moral no nosso sentido ou que seus instintos sexuais estivessem sujeitos a um elevado grau de qualquer restrição. Entretanto, verificamos que eles estabelecem para si próprios, com maior escrúpulo e o mais severo rigor, o propósito de evitar relações sexuais incestuosas. (FREUD, 1913 [1912–13]/1980, p.21).

Entre os australianos, o lugar das instituições religiosas e sociais, que eles não têm, é ocupado pelo sistema do totemismo. “Aprendemos que o totemismo é um sistema que ocupa o lugar da religião entre certos povos primitivos da Austrália, da América e da África e provê a base de sua organização social.” (ibid., p.125).

O totem é um animal considerado como um antepassado comum do clã, um espírito guardião e auxiliar, que lhes envia oráculos, e embora perigoso para os outros, reconhece e poupa os seus próprios filhos (idem, ibid.). Encontramos também uma lei contra as relações sexuais entre pessoas do mesmo totem:

As mais antigas e importantes proibições ligadas aos tabus são as duas leis básicas do totemismo: não matar o animal totêmico e evitar relações sexuais com os membros do clã totêmico do sexo oposto. Estes devem ser, então, os mais antigos e poderosos dos desejos humanos (idem, ibid., p.49).

Encontrar sentido na proibição do incesto e o quê isso significa como construção cultural do homem é o objetivo de Freud nesse estudo. Freud direciona suas investigações para a vida psíquica dos povos selvagens e semisselvagens, sendo esta uma fase anterior, mas que se conserva no processo de desenvolvimento humano. Segundo o autor:

As normas contra matar ou comer o totem não são os únicos tabus, às vezes, são proibidos de tocá-lo ou até mesmo de olhá-lo, num certo número de casos, não se pode mencionar o totem pelo próprio nome. Qualquer violação dos tabus que protegem o totem é automaticamente punida por doença grave ou morte. (ibid., p129–30).

A proibição totêmica não é automática, ela é vigiada por toda a tribo, porque aquele que viola as leis é um perigo que a ameaça. Freud ressalta a ambivalência presente nos tabus: proíbem algo que é desejado (desejo inconsciente nos membros da tribo, como nos neuróticos). Por esse motivo, sua violação precisa ser vingada. Sobre isso, ressalta:

² FRAZER, J.G. “Totemism”, in *Totemism and Exogamy* (1887). Endiburgo, 1910, p. 1, 3 e segs.

Não é fácil perceber porque qualquer instinto humano profundo deva necessitar ser reforçado pela lei. Não há lei que ordene aos homens comer e beber ou os proíba de colocar as mãos no fogo. A lei apenas proíbe os homens de fazer aquilo a que seus instintos os inclinam. Podemos sempre com segurança pressupor que os crimes proibidos pela lei são crimes que muitos homens têm uma propensão natural de cometer. Os homens civilizados chegaram à conclusão de que a satisfação desses instintos naturais é prejudicial aos interesses gerais da sociedade. (idem, *ibid.*, p.150).

Freud vai buscar subsídios para criar o mito da horda selvagem no estudo da sociedade primitiva feito por Darwin, que aponta para a presença de um pai violento e ciumento que guarda as fêmeas para si próprio e expulsa os filhos à medida que crescem.

No mito da horda selvagem, um dia os filhos se unem e matam o pai invejado e temido, devoram seu cadáver, identificando-se com ele, apropriando-se, assim, de sua força (idem, *ibid.*). Após terem cometido o parricídio, os irmãos tornam-se rivais em relação às mulheres: percebendo que nenhum deles poderia ocupar o lugar do pai, surge a lei contra o incesto e com ele a renúncia do objeto desejado, o qual tinha sido o motivo principal para se livrarem do pai. Ao derrotarem o pai, satisfeito o ódio, identificam-se com ele, sendo essa a base do complexo de Édipo. Assim, há uma relação entre o complexo de Édipo e o que foi designado como a origem da civilização, apontado para uma universalidade.

Ao pensar *Totem e tabu* como a origem da civilização, Freud apresenta um mito fecundo para refletir acerca das condições pelas quais foi possível a construção da cultura. A cultura nasceu de um crime. Somos todos criminosos, não há inocentes!

A seguir, investiguemos a ciência do crime.

3.2 A CRIMINOLOGIA

A investigação criminológica começa, segundo Carlos Alberto Elbert (2003), em uma busca de conhecimento racional e científico. A criminologia nasce de contribuições múltiplas. Vamos destacar a contribuição de Thomas Morus, em 1516. Morus insurgiu contra a sociedade inglesa, na época sob o regime absolutista de Henrique VIII, que na ocasião de seu reinado foram executadas 72.000 pessoas somente pelos delitos de roubo e furto (ELBERT, 2003). Morus questionou a crueldade com que se condenavam os pobres e ladrões necessitados, contra a

manutenção do exército dedicado à conquista, sendo sua interrogação central sobre o sistema penal: “A justiça que temos é a melhor que podemos ter?” (MORUS apud ELBERT, 2003, p.43). Seus questionamento o levaram a decapitação por negar-se a reconhecer a autoridade espiritual brutal do rei Henriques VIII.

Podemos destacar outros importantes críticos dos valores estabelecidos, como Cesare Bonesana, posteriormente conhecido como Marquês de Beccaria (1738-1794). Este escreveu a obra *Dos delitos e das penas*. Beccaria pronuncia-se, segundo Erbert (idem), pela origem do direito de castigar e sustenta que a aplicação da lei não é uma função divina, mas sim social, e que deve ter limites, admitindo o princípio da inocência e o direito de defesa.

Depois de um século da obra de Beccaria, veio a obra de Cesare Lombroso, comenta Erbert:

Há um século, a obra teórica de Lombroso alcançou ressonância mundial, até o ponto de transformar seu nome praticamente em um conceito carregado de significado que eclipsou a lembrança de muitas outras obras que haviam influenciado a sua. (...) Cesare Lombroso (1835-1909) foi um de tantos investigadores italianos que se rendeu ao positivismo de origem francesa, mas sua obra permanece, até o presente, como uma referência indispensável no nosso campo. Lombroso foi um médico forense e alienista que produziu uma obra profusa, na qual percorreu temáticas das mais diversas, não somente dentro do campo da medicina, mas, também, da história, demografia, política e outras atividades. (...) Acentua-se em seu pensamento a suspeita de que o delinquente tem um tendência maligna inata ligada à sua estrutura física e psíquica, que se manifesta até em sua fisionomia. (EBERT, 2003, p.53–55).

Lombroso, através de seus estudos e observações, especialmente de caráter antropométrico, relacionou ao criminoso características físicas, como: capacidade craniana, orelhas grandes, lábios leporinos, verrugas, visão estrábica etc. Segundo Erbert, na visão de Lombroso:

(...) o delinquente nato era uma subespécie humana diferente, por suas características, da morfologia do homem honrado. Suas teorias sobre esses grupos estão repletas de descrições e apreciações subjetivas, nas quais se misturam, como dissemos, biologia com moral, feiura com perversão, ignorância com brutalidade etc. (idem, *ibid.*, p.56).

Lombroso também disse que a sociedade deve prevenir ou controlar a periculosidade social, na medida em que o delito é uma enfermidade social.

A visão de Lombroso é oposta a que trabalhamos, como também oposta, como vimos, à proposta de Freud e Lacan no entendimento da lei e do crime.

3.3 O CRIME NA PARANOIA: O CASO AIMÉE E O CASO DAS IRMÃS PAPIN

“A Verdade jamais falta ao ato”
(Lacan, Seminário O Ato Analítico)

Em 1932, Lacan publica a sua tese de doutorado intitulada *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade* (LACAN, 1932/1987). Nela, Lacan apresenta a história da classificação nosológica da paranoia para em seguida descrever minuciosamente um caso clínico, denominado “O caso Aimeé”. Nessa mesma época, Lacan escreve para a revista *Le Minotaure*, na edição de número 3, um artigo intitulado “Motivos do crime paranoico: o crime das irmãs Papin”. Passemos aos dois casos para em seguida fazermos a discussão diagnóstica.

3.3.1 O caso das irmãs Papin

Em dois de fevereiro de 1933, um crime conhecido como o massacre do Mans provocou a comoção dos franceses. Duas irmãs, Christine e Léa Papin, vinte oito e vinte e um anos, respectivamente, trabalhavam como criadas em uma família burguesa, no interior da França, quando sem nenhuma razão aparente agrediram a patroa e sua filha de modo simultâneo, arrancando os olhos das órbitas de suas vítimas ainda vivas, espancando-as violentamente e esmagando suas faces com a ajuda de facas de cozinha e martelo. Não satisfeitas, retalharam seus corpos e, em seguida, lavaram os instrumentos utilizados no massacre, tomaram banho e foram dormir; antes teriam dito “Agora tudo está limpo”. Em seu artigo “Motivos do crime paranoico: o crime das irmãs Papin”, Lacan comenta sobre a frase dita pelas irmãs ao final do ritual : “Esta é a formula que trocam e que parece dar o tom da desilusão, esvaziado de qualquer emoção, que a elas sucede à orgia sangrenta. (LACAN, 1932/1987, p.381–2).

A polícia local foi chamada e encontrou-as no segundo andar da casa deitadas e abraçadas em uma cama. Cristine e Léa Papin eram consideradas boas empregadas pela sociedade, honestas e trabalhadoras. Ao serem interrogadas, não manifestaram arrependimento e nem justificaram o crime. Lacan observa que o que se destacava no discurso das duas era a preocupação em assumir o crime juntas,

sem nenhuma motivação e justificativa plausível. Nesse crime houve um ato, ou melhor, uma passagem ao ato, minuciosamente descrita por Lacan:

No julgamento, elas não darão de seu ato nenhum motivo compreensível, nenhum ódio, nenhuma queixa contra as suas vítimas, a única preocupação delas parecerá ser a de partilhar inteiramente a responsabilidade do crime. Para três médicos peritos, elas apareceram sem nenhum sinal de delírio nem de demência, sem nenhum distúrbio atual psíquico nem físico, e lhes é forçoso registrar esse fato. Nos antecedentes do crime, dados por demais imprecisos, ao que parece, para que se possa levá-los em conta: uma investida atrapalhada das irmãs junto ao prefeito para obter a emancipação da mais jovem, um secretário-geral que as achou “meio piradas”, um delegado que testemunhou tê-las considerado como “perseguidas”. Há também a afeição singular que as unia, sua imunidade a qualquer outro interesse, os dias de folga que passam juntas e dentro do quarto. (idem, *ibid.*, p.382).

Léa e Christine não apresentavam nenhum arranhão, o que demonstra que não houve luta. As vítimas não revidaram ao ataque. Trata-se de uma agressão repentina e uma exaltação violenta de fúria, como resultado dois corpos banhados de sangue, com cabeças quebradas sob golpes repetidos. Em uma obra interessante, J.D. Nasio (2001) reúne grandes casos de psicose da literatura psicanalítica. Nele, a respeito do crime das irmãs Papin, Nasio comenta:

Que horror, sem dúvida, aqueles dois cadáveres banhados em seu sangue, com as cabeças pavorosamente quebradas sob golpes repetidos. Que horror, também, aquela papa humana ensanguentada, feita de restos atirados nas paredes, aqui e ali, de matéria cerebral, fragmentos de ossos, dentes arrancados, borrifos de sangue. Mais horríveis ainda eram aqueles olhos “arrancados a frio” logo nos primeiros momentos do ataque (...) (NASIO, 2001, p.194).

Que horror, portanto, aqueles olhos arrancados de vítimas vivas, “as metáforas mais batidas do ódio”, como escreveria Lacan (apud NASIO, 2001, p.195). Para Christine e Léa não havia metáfora, foi ao pé da letra a frase “vou te arrancar os olhos”. Havia um dizer de Christine “prefiro acabar com a raça de nossas patroas a elas acabarem com a nossa”, que é a prova de um delírio persecutório, ou melhor, de uma ideia vivida como persecutória, que atribuía às patroas uma suposta intenção de lhes fazer mal. Esse olhar da patroa e seu efeito sob as irmãs assumiram toda a sua importância: sustentar toda a cena e tudo dependeria do que fosse “lido” no olhar da patroa.

Os fenômenos paranoicos alimentam-se do imaginário, se eu o amo, digo que é ele que me ama, e se eu odeio, penso que é ele que me odeia. Christine julgou vê-la no olhar daquela que a confrontava. “Ela quer me matar”, pensou (NASIO, 2001,

p.210). Essa é a economia mental comum do paranoico. O que quer que tenha sido “lido” no olhar da patroa jamais saberá ao certo, mas as suas consequências resultaram em uma passagem ao ato monstruosa. Poderia ter sido evitada? Vamos tentar responder a isso no final.

3.3.2 O caso Aimée

A história do caso Aimeé começou às oito e meia da noite do dia 18 de abril de 1931. Conforme relata Roudinesco (2008):

Nessa noite, Marguerite Pantaine, de 38 anos, tirou da bolsa uma faca de cozinha e tentou assassinar a atriz Huguette Duflos quando esta chegava ao teatro Saint-Georges. (...) No corredor da entrada dos artista onde era esperada por sua assassina, Huguette Duflos não perdeu o sangue-frio. Segurando a faca pela lâmina, desviou o golpe e sofreu apenas um corte profundo no dedo mínimo da mão direita. Nesse meio tempo, Marguerite era dominada e conduzida à delegacia. De lá foi enviada à enfermaria especial e à prisão de mulheres de Saint-Lazare, onde mergulhou no delírio durante vinte e dias. Em três de junho de 1931, foi internada na clínica do asilo Sainte-Anne. (...) Durante toda a duração de seu delírio, Marguerite continuou a exprimir seu ódio contra a atriz. (...) Depois, quando o delírio cessou, chorou e tomou uma atitude contrária: disse então que Huguette Duflos não lhe queria mal e que ninguém a perseguia. A atriz não apresentou queixa, e todos demonstraram indulgência para com a desafortunada funcionária dos Correios. (ibid., p.52, 54–5).

Na delegacia, Aimée explicou que há muitos anos esta atriz vinha zombando e ameaçando-a, e há algum tempo tinha a intenção de pedir explicações à atriz, e que se não a tivessem segurado, ela a feriria novamente. Foi conduzida à prisão provisória e depois internada na clínica de Sainte-Anne, onde Lacan pode acompanhá-la (idem, ibid.).

Lacan trabalha em sua tese que o delírio que apresentou Aimée revelava a gama quase completa dos temas paranoicos: temas de perseguição e temas de grandeza. Seus distúrbios começaram aos vinte e oito anos e, portanto, dez antes de sua última internação. Casada há quatro anos, empregada no mesmo escritório que seu marido, estava grávida na ocasião da origem de seus delírios. Na rua, começa a achar que os transeuntes sussurram a seu respeito e lhe demonstram desprezo, no escritório, as conversas de seus colegas parecem visá-la. Ela teria dito para si mesma, com frequência: “Por que fazem isso comigo? Eles querem a morte de meu filho. Se esta criança não viver, eles serão responsáveis.” (LACAN, 1932/1987, p.156).

Esses sentimentos persecutórios começam a ser observados pelos familiares e por seus colegas de trabalho. Segundo Lacan (idem):

As pessoas que a cercam notam alarmadas as múltiplas reações. Um dia, arrebenta a facadas os dois pneus da bicicleta de um colega. Uma noite, ela se levanta para jogar um jarro d'água na cabeça de seu marido; outra vez, é um ferro de passar que serve de projétil (ibid., loc. cit.).

Apesar de tudo, Aimée continua na confecção do enxoval para seu bebê, esperado por todos. Ela dá à luz a uma menina, porém natimorta, diagnosticada por asfixia por circular de cordão. A partir desse episódio, começa a ficar muito confusa, atribuindo a desgraça a seus inimigos, concentrando toda a responsabilidade do ocorrido a uma mulher que durante três anos foi sua melhor amiga. Esta mulher, por pura coincidência, a telefonou pouco tempo depois do parto para saber notícias, isso pareceu estranho à Aimée, causando um sentimento de hostilidade e a convicção delirante de uma perseguição.

Uma segunda gravidez acarreta a volta de estados depressivos e ansiosos, mas a criança nasce sem problemas, e no ano seguinte Aimée passa a cuidar da criança com grande dedicação até os cinco meses, não deixando que ninguém cuidasse dela; durante o período de amamentação, tornar-se hostil a todos e briguenta. Todos ameaçavam seu filho! Pede então demissão do escritório em que trabalha, falsifica um documento de autorização marital e solicita um passaporte para os Estados Unidos, sem que o marido soubesse. Diz querer ir aos Estados Unidos em busca de sucesso, pretende ser romancista; ela confessa que teria abandonado seu filho. Foi então internada pela família em um asilo particular, permanecendo lá por seis meses e com o diagnóstico de delírio de interpretação. Aimée relata a Lacan: “Eles fizeram um complô para tirar meu filho que eu alimentava e mandaram me prender numa casa de saúde.” (ide, ibid., p.157). Depois volta para casa e recomeça os cuidados com o filho.

Lacan sublinha que a paciente estava melhor, porém “não curada”. Recusa-se a retomar seu cargo no escritório, pede uma transferência e vai morar em Paris (seis meses antes do atentado à atriz). “É aí que ela progressivamente constituirá a organização delirante que antecipou o ato fatal”, atribui Lacan (idem, p.159).

Como Huguette Duflos entra no delírio persecutório de Aimée? “Um dia, diz ela, como eu trabalhava no escritório, enquanto procurava, como sempre, em mim mesma, de onde podiam vir essas ameaças contra meu filho, escutei meus colegas

falarem da Sra. Z. Compreendi então que era ela quem nos queria mal”, explica Aimée a Lacan (idem, *ibid.*, p.159). Um dia a doente, diz Lacan, lê no *Le Journal* que seu filho ia ser morto, porque sua mãe era vil, caluniadora e que se vingariam dela. Outra ocasião fica sabendo que a atriz vem representar em um teatro perto de sua casa, ela diz: “É para zombar de mim”.

Todos esses elementos colaboram para a constituição do delírio! Ao dormir, Aimée sonha com seu filho afogado, morto. Ao despertar, sua ansiedade é grande e fica esperando um telegrama que deve anunciar-lhe a desgraça esperada. “Eu temia muito pela vida de meu filho, escreve a doente; se não lhe acontecesse mal agora, aconteceria mais tarde, por minha causa, eu seria uma mãe criminosa” (idem, *ibid.*, p.160).

Enquanto espera um futuro promissor em uma carreira de romancista, mulher de letras e de ciências, Aimée manifesta um tema de erotomania, que tem por objeto o príncipe de Gales. Dirige ao príncipe poemas apaixonados. O quarto de hotel em que morava estava coberto de fotos do príncipe e ela juntava recortes de jornais com notícias.

Oito meses antes do atentado, ela pede a seu senhorio que lhe empreste um revólver, diante de sua recusa pede uma bengala “para amedrontar essas pessoas”, (idem, *ibid.*, p.168), mais especificamente, os editores que zombaram dela. Ela depositava suas últimas esperanças nos romances enviados à livraria G., daí sua imensa decepção e sua reação violenta quando eles lhe são devolvidos com uma recusa. Ela se volta então para o Príncipe de Gales, enviando-lhe cartas assinadas e dois romances.

Começa a viver um temor perpétuo e iminente do atentado que deveria atingir seu filho. Vai então a uma fabrica de armas e escolhe um facão de caça que tinha visto na vitrine, com uma bainha. Foi informada do teatro onde a atriz se apresenta toda a noite. Uma noite de sábado, quando se preparava para visitar a sua família, é compelida por sua obsessão delirante e se dirige a porta do teatro atacando sua vítima. Diz Aimée: “No estado em que me encontrava então, (...), eu teria atacado qualquer um dos meus perseguidores, se eu os pudesse atingir ou me encontrasse com eles por acaso” (idem, *ibid.*, p.169).

Preso, sustenta suas certezas delirantes diante do delegado e do diretor da prisão. Foi, então, enviada para prisão de Saint-Lazare.

Vinte dias depois, escreve a doente, quando todos já estavam deitados, por volta das sete horas da noite, comecei a soluçar e a dizer que esta atriz não tinha nada contra mim, que não deveria tê-la assustado; as que estavam ao meu lado ficaram de tal modo surpresas que não queriam acreditar no que eu dizia, e me fizeram repetir: mais ainda ontem você falava mal dela! — e elas ficaram estupefatas com isso. Foram contar à Madre Superiora que, a todo custo, queria me enviar à enfermaria (idem, *ibid.*, p.170).

Todo o delírio caiu ao mesmo tempo, diz Lacan. Aimée entra no asilo vinte e cinco dias depois. Lacan pontua sobre o caso:

O fato é que no vigésimo dia de sua detenção, e com um caráter brusco bem nítido, a psicose manifestada pelo delírio com seus diferentes temas curou. Depois, a paciente permaneceu no asilo, e essa cura se manteve até o momento presente, ou seja, durante um ano e meio aproximadamente (idem, *ibid.*, p.249).

3.4 DISCUSSÃO DIAGNÓSTICA DOS CASOS

Sobre o diagnóstico de Aimée, diz Lacan: “Paranoia (*Verrucktheit*), este é o diagnóstico ao qual nós prenderíamos a partir de agora, se uma objeção não nos parecesse poder ser levantada em virtude da evolução curável do delírio em nosso caso.” (LACAN, 1932/1987, p.200).

Duas coisas são importantes sobre a paranoia, e que serão relevantes para o caso ora estudado nesta dissertação. A primeira diz Lacan, segundo Freud, é uma negação: “Eu o odeio” projetado secundariamente em “Ele me odeia”: este é o tema da perseguição. O segundo aspecto ressaltado por Lacan é que o perseguidor principal é sempre do mesmo sexo que o do sujeito, é uma pessoas ao qual o paciente se mantém preso mais profundamente por sua história afetiva. (idem, *ibid.*, p.275). O conteúdo do delírio pode expressar ideias de grandeza, devaneios ambiciosos, projetos de reformas, elas tem sempre um alcance futuro, e refere-se ao ideal do eu do sujeito.

Aimée fica “curada”, após a passagem ao ato agressivo; Aimée sente-se apaziguada, ou melhor, parece ter encontrado no ato alguma forma de moderação do gozo insuportável. Essa é a tentativa de Aimée de fazer um furo no Outro já que não é possível operar a castração do Outro pelo simbólico.

No final da tese, Lacan equivocou sobre a proximidade do ato criminoso para os paranoicos, lançando um questionamento:

Enfim, há uma terceira ordem de pesquisas que não deve ser excluída de um estudo verdadeiramente científico desses doentes. É a ordem de medida de seu perigo social. A última palavra da ciência é prever, e se o determinismo, o que acreditamos, se aplica em psicologia, deve nos permitir resolver o problema prático que a cada dia é colocado ao perito a propósito dos paranoicos, a saber, em que medida um sujeito dado é perigoso e, especialmente, é capaz de realizar suas pulsões homicidas. (...) Mas quem teria podido discernir o sintoma antes do crime? (idem, *ibid.*, p.302–3).

Na neurose, contamos com o efeito do retorno decorrente do recalque; na psicose, podemos encontrar o ato como efeito da forclusão, seja por ocasião do desencadeamento, seja como ato do conteúdo do delírio ou como tentativa de apaziguar o mal-estar pela falta do significante Nome-do-Pai. A possibilidade da passagem ao ato e psicose estão sempre juntas.

Por não contar com o Nome-do-Pai, Augusto, o nosso paciente, haverá de buscar uma solução, na tentativa de apaziguar algo que o invade e o acomete (as injúrias e perseguições atribuídas ao Outro, no caso, supervisores da plataforma). Nesse percurso errante em torno de soluções possíveis que encontra, percebemos que Augusto elege as diversas tentativas de agressão, privilegiando a passagem ao ato como forma de solução para o real que retorna em sua vida. A passagem ao ato aparece como única possibilidade de barrar este Outro. Trata-se de obter a eliminação deste Outro que o invade e o submete.

A possibilidade da passagem ao ato e psicose está sempre junta, o que não quer dizer que não possa haver passagem ao ato em caso de neurose. Inclusive o exemplo citado por Lacan de passagem ao ato, no *Seminário, livro 10: a angústia*, é um caso de neurose: “A Jovem homossexual”, paciente de Freud. Por não conseguir se sustentar no status de sujeito, Augusto é tomado pelo distúrbio do movimento acrescido de emoção interna, passando ao ato. A passagem ao ato não se dá por nenhum fato exterior, mas por determinada articulação do significante. Podemos pensar com Lacan, na passagem do caso das irmãs Papin, quando ele interroga: “Que disseram a mãe e a filha quando, ao voltarem, descobriram o pequeno desastre?” (LACAN, 1932/1987, p.382). Jamais saberemos. As declarações de uma das irmãs, Christine, variaram sobre esse ponto.

Um pequeno detalhe no texto de Lacan sobre o caso das irmãs Papin é de importância vital para o nosso trabalho, pois abre uma possibilidade para um melhor entendimento sobre o caso Augusto, motivo desta dissertação: “Não se falava de um grupo a outro. Este silêncio, no entanto, não podia ser vazio, mesmo se ele fosse obscuro aos olhos dos atores.” (idem, *ibid.*, p.381). As irmãs Papin não tinham a

quem endereçar a palavra para mediar seus sentimentos, pensamentos e atos. Augusto sim, fala demoradamente e demasiadamente sobre como vai cometer o seu ato criminoso, repassa em detalhes as diversas formas de matar seus perseguidores, não só fala como também é escutado, em sua análise. **“Toda noite eu sonho em matar. Meu espírito está perturbado! A minha cabeça está perturbada. Eu chego perto das pessoas e me sinto um maníaco, não gosto das pessoas, não gosto de crianças. Sonho carregando pessoas mortas, esfaqueando-as”**.

Freud (1916 [1915]/1980), em suas “Conferencias introdutórias sobre a psicanálise”, na introdução da conferência sobre as parapraxias, apresenta a importância da palavra:

Nada acontece em um tratamento psicanalítico além do intercâmbio de palavras entre o paciente e o analista. O paciente conversa (...) O [analista] escuta (...) As palavras, originalmente, eram mágicas, e até os dias atuais conservam muito do seu antigo poder mágico. Por meio das palavras uma pessoa pode tornar outra jubilosamente feliz ou levá-la ao desespero (...) Palavras suscitam afetos e são, de modo geral, o meio de mútua influência entre os homens. (ibid., p.29).

Levantamos a hipótese de que aquilo que impede Augusto de passar ao ato é a força da palavra descrita por Freud, “palavra mágica”. Essa palavra que é dita e prontamente escutada pela analista.

O conceito de Outro para a psicanálise, segundo o Dicionário de Roland Chemama (1995), é um lugar onde a psicanálise situa, além do parceiro imaginário, outro com letra minúscula, algo maior que é representado com a letra maiúscula, Outro, que é importante definirmos para que possamos entender a motivação do crime paranoico.

Lacan no texto “Estádio do espelho como formador da função do eu” (1949/1998), afirma que o estágio do espelho corresponde à antecipação da imagem do corpo pela criança, ou melhor, é no estágio do espelho que a criança se constituirá como uma imagem corporal de si que é baseada na identificação com Outro, nesse momento a mãe. A criança entre o sexto e décimo mês de vida vê-se como fragmentada, não faz diferença entre o seu corpo e o da mãe, a criança carregada pela mãe ao olhar para o espelho demonstra uma espécie de reconhecimento de sua imagem no espelho. Sublinha Lacan:

Basta compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*. (LACAN, 1949/1998, p.97).

É preciso o reconhecimento da mãe para que a criança possa apropriar-se dessa imagem que vê com júbilo refletida no espelho, pois ela necessita que tenha um reconhecimento e um lugar no grande Outro. Nesse primeiro momento é encarnado pela mãe. Esse signo de reconhecimento da mãe irá funcionar como um traço unário, a partir do qual irá se constituir o ideal do eu. Explica Lacan:

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á, pois, manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. (idem, loc. cit.).

A mãe começa então a fazer menção ao grande Outro, representado pelo lugar que o bebê ocupa: seu nome, a história de sua concepção, o que antecede ao sujeito. Forma-se uma triangulação: mãe, bebê e grande Outro. A mãe deve sustentar a palavra do pai, como vimos anteriormente no Édipo, na medida em que ela renuncia o bebê como sendo o seu objeto, o falo. O significante Nome-do-Pai entrará, então, no lugar do grande Outro.

Sobre a relação do sujeito com o Outro, Quinet diz que ela depende da estrutura que o porta:

O Outro do neurótico é “mudo”, seu discurso não atravessa o muro da linguagem a não ser pelas formações do inconsciente. Na psicose, o Outro fala, aparece às claras, provocando no sujeito todo o tipo de reação: terror, pânico, exaltação. Isso faz com que o psicótico, diferente do neurótico que habita a linguagem, seja habitado, possuído pela linguagem. (QUINET, 2006, p.17).

Esse grande Outro é mudo na neurose por causa do significante do Nome-do-Pai, como vimos no capítulo anterior. O Outro para o psicótico não é barrado, tornando-se muito poderoso, um Outro absoluto ao qual está submetido. Ele goza do psicótico sem que o Nome-do-Pai, foracluído, possa se interpor, como na neurose.

O Outro de Augusto o invade, humilha, persegue e abusa dele de uma forma terrivelmente perturbadora, visto que não consegue criar um obstáculo a este Outro que também lhe “grita” palavras: **“Você é um merda” “Você tem que morrer”**. Esse Outro é nomeado por ele na figura dos supervisores da plataforma.

A relação com o Outro, com a linguagem, Lacan diz que, na psicose é muito perturbadora, na medida em que o psicótico é habitado pela linguagem. É um Outro gozador e consistente na psicose. Citamos:

Como não ver na fenomenologia da psicose que tudo, do começo ao fim, se deve a uma certa relação com esse linguagem (...) que fala sozinha, em voz alta, com seu ruído, seu furor, bem como com sua neutralidade? Se o neurótico habita a linguagem, o psicótico é habitado, possuído pela linguagem (LACAN, 1955–56/1988, p.284).

Essa voz imperativa, voz de comando que atormenta o psicótico e o destina a posição de objeto, é o que constitui as alucinações verbais, é a voz do Outro. O Outro do psicótico é um Outro absoluto, ao qual o sujeito está submetido, segundo Antonio Quinet (QUINET, 2006b, p.17). A forclusão do Nome-do-Pai, como já vimos anteriormente, acarreta uma perturbação da relação do sujeito psicótico com o Outro, representado em um primeiro momento pela mãe e posteriormente pelo registro simbólico.

Portanto, encontramos na psicose o Outro gozador, que, por não conter uma lei, passa a representar uma terrível ameaça ao sujeito, faz dele objeto, goza dele como de um objeto que lhe pertence, o submete a injúrias de todo o tipo. O contato com o Outro se torna intensamente persecutório e pode ser muito opressivo. O Outro na paranoia é um Outro que goza (LACAN, 1966 apud QUINET, 2006a). O paranoico ataca o Outro para esvaziar este gozo, para barrar este Outro, daí a tendência ao crime. Ele ataca o Outro para colocar uma barreira ao Outro. Esta ideia está em Lacan desde sempre, segundo Quinet:

O atentado homicida é uma tentativa de escapar ao jugo do Outro perseguidor, ferindo-o, abatendo-o na tentativa de barrar esse Outro gozo e, por conseguinte, sair da posição de objeto, do objeto de seu gozo. O ato homicida é, portanto, uma subjetivação do sujeito na psicose. O paranoico se posiciona como sujeito no assassinato, pois aí ele tenta inverter a situação estrutural na qual ele, como sujeito, é o objeto e o outro é o sujeito. Nesse sentido pode ser uma modalidade de tentativa de cura. (QUINET, 2006a, p.165).

O Poder Judiciário tem a função de estabelecer limites nas diversas relações humanas, e ele o faz através de uma lei. No direito penal, a periculosidade refere-se ao ato criminoso. Para a psicanálise, a periculosidade relaciona-se à passagem ao ato. Um ato dirigido contra o outro, baseado na posição que o sujeito ocupa diante do Outro. O encontro com o Outro gozador será essencial para o desencadeamento de uma passagem ao ato na paranoia. Este ato ocupa o lugar onde nenhuma

mediação simbólica foi possível, representando uma fala, um certo posicionamento deste sujeito confrontado com o Outro.

Concluimos então que no caso da paranoia, esse ato agressivo encontrado de modo muito intenso e sem mediação da lei, pode levar ao ato criminoso, ou melhor, ao crime. Há um tipo de apaziguamento para o sujeito paranoico no crime, e isso é encontrado no caso das irmãs Papin e no caso de Aimée, e talvez possamos testemunhar no caso de Augusto — torcemos para que não.

É preciso então apostar na análise de Augusto, no poder da palavra que circula entre ele e sua analista, no processo analítico cujas palavras matar, exterminar, assassinar, morrer, esfaquear, atirar, armar, explodir, bombardear são ditas sem nenhum tipo de censura, diferente do caso das irmãs Papin, no qual o crime foi arquitetado na trilha sonora do silêncio. Augusto fala, a palavra faz pacto social, colocar em palavras é falar do mal-estar, do sofrimento. Para Augusto resta a sua vingança! Mas também para o Augusto resta a sua analista, que dá ouvido à palavra carregada de ódio e destruição. Augusto, como em Aimée e nas irmãs Papin, quer matar, só pensa nisso, planeja incansavelmente o seu crime, mas com uma diferença: a escuta atenta da analista!

Apagado do seu lugar subjetivo e obrigado a responder no campo do real, Augusto experimenta seu mundo como que tendo chegado ao fim, impondo-lhe uma árdua tarefa de buscar a sua reparação da injúria sofrida. Através de ações delirantes agressivas e destrutivas planeja se conectar a bombas e com isto explodir a sua empresa. Seus atos e seu desejo são catastróficos, por envolver sempre a destruição e a eliminação daqueles que o levaram a se tornar esse sujeito desconhecido para ele. O objetivo da análise é sustentar a aposta no inconsciente – através da escuta de Augusto, para possibilitar a sua implicação subjetiva no seu ato, pois Lacan nos ensina que “Por nossa posição de sujeito, sempre somos responsáveis.” (LACAN, 1966/1998, p.873). Viabilizar, portanto, sua implicação subjetiva é viabilizar um posicionamento através da intervenção do analista. A própria possibilidade de ser escutado e de poder elaborar, tentar dialetizar e questionar o que ocorre com o sujeito já é uma maneira de o permitir simbolizar, em vez de passar ao ato. Trata-se da construção de um trabalho que visa implicar esse sujeito frente a sua própria escolha, no caso, do ato criminoso. Mas tal responsabilidade não tem nenhuma conotação moral. Lacan se refere a isso:

Somente a psicanálise por saber como revirar as resistências do eu, é capaz, nesses casos, de libertar a verdade do ato, comprometendo com ele a responsabilidade lógica que deverá conduzi-lo à aceitação de um justo castigo. Somente o estado, com a Lei Positiva que sustenta, pode dar ao ato criminoso sua punição (LACAN, 1951b/2003, p.127).

Do ponto de vista da psicanálise podemos lidar com esses casos, porque não se trata de julgá-los e muito menos condená-los, e também perdoá-los ou não. Mas implicar o sujeito diante do seu ato, privilegiando a linguagem, como único mediador possível entre passar ao ato ou não.

CONCLUSÃO

Esta dissertação começou a ser pensada a partir da prática em um Ambulatório Público de Saúde Mental, no atendimento a casos graves, que submete seus profissionais a grandes questões, desde clínicas até do ponto de vista jurídico. O encontro com um paciente grave foi o que suscitou este trabalho no esforço de conceituá-lo a partir do referencial teórico da psicanálise, com objetivo de melhor orientar a clínica do tratamento.

A primeira interrogação que se impôs foi estrutural. Que tipo de estrutura clínica se apresenta tão próxima de cometer um ato violento? Nosso propósito teórico foi buscar subsídios para fundamentar o diagnóstico. Para isso, nosso percurso de estudo teve como referência as contribuições de Sigmund Freud e Jacques Lacan.

A questão do paciente, que foi trazido à baila nesta dissertação, aqui denominado Augusto, com seus atos violentos e com diversas tentativas de passagem ao ato, chamou a nossa atenção para o tipo estrutura clínica em que, por um lado, há uma preservação do pensamento — expresso na maneira de se referir ao episódio traumático e suas consequências na sua vida pessoal e profissional — e, por outro lado, uma intensa atividade alucinatória — a escuta de vozes. A partir desse quadro clínico, que nos parecia ser de paranoia — diagnóstico tão pouco valorizado hoje pela psiquiatria — decidimos realizar um estudo aprofundado em psicanálise sobre esse tipo clínico da psicose.

Buscamos situar historicamente o conceito de psicose e de paranoia, o que implicou em várias travessias na pesquisa teórica empreendida. A primeira delas está situada num breve histórico do conceito de demência precoce no âmbito da psiquiatria. Em seguida, os mesmos conceitos foram explorados dentro do corpo teórico psicanalítico. No decorrer desse percurso, iniciamos o estudo sobre a Lei e

crime, para depois aprofundarmos um diálogo entre a psicanálise e a criminologia, o qual pretendemos desenvolver no doutorado.

As dificuldades apresentadas pelo caso levaram ao diagnóstico de psicose, estrutura clínica que se revelou nas dificuldades apresentadas pelo paciente com a linguagem, na dificuldade em pronunciar as palavras e na perda da escrita, as quais demonstram uma falta de articulação entre o real, o simbólico e o imaginário.

Tratamos o conceito de psicose a partir do seu mecanismo: a forclusão. No *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957–58)*, Lacan formaliza o seu conceito de forclusão do Nome-do-Pai — o qual vinha desenvolvendo desde *O seminário 3: as psicoses (1955–56)* e no texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1958/1998), quando foi nomeado como mecanismo que estaria na origem da estrutura psicótica e que consistiria na rejeição do significante do Nome-do-Pai. Esse significante foracluído retorna de fora pela via do real, como é o caso dos fenômenos alucinatorios vividos pelo nosso paciente.

Dentre os tipos clínicos da psicose, efetuamos uma discussão diagnóstica entre a paranoia, a esquizofrenia e a melancolia, para concluir com Lacan a nossa hipótese diagnóstica principal: tratar-se de um caso de paranoia. Encontramos alguns fenômenos que apontam esse tipo clínico. Augusto se apresenta como um sujeito que se diz perseguido, ou seja, a posição que Augusto se coloca diante do Outro é diferente da de um sujeito melancólico, em que o Outro desaparece, e da esquizofrenia, na qual o Outro se encontra fragmentado. O Outro para Augusto é consistente, o persegue e o chama de *macaco*, eis porque Augusto, na tentativa de furar esse Outro consistente, ameaça matar o supervisor que o encarna. Essa estrutura do Outro se amplia, envolvendo até os vizinhos. Há um esboço de um delírio de ser um justiceiro, passando ao ato agressivo. Nesse sentido, fizemos uma relação entre a psicose paranoica, entidade clínica que desenvolvemos nesta dissertação, e sua relação com a passagem ao ato criminoso.

Estudamos de forma abreviada, além do caso apresentado, dois outros casos de Lacan: o caso *Aimée* e o caso das *irmãs Papin*, nos quais também ocorreram modos de enfrentamento semelhantes aos de Augusto, ou seja, a passagem ao ato criminoso.

A posição do analista, cuja direção deve ser a escuta do sujeito, foi também desenvolvida nesta dissertação. Trata-se da construção de um trabalho que visa implicar este sujeito frente ao seu ato e apontar a questão da violência tal como

surge na situação analítica. O objetivo desta visada é sua importância para a imputabilidade e suas consequências jurídicas.

Pretendemos dar continuidade a nossa pesquisa estudando as relações da psicanálise com a criminologia, para que as contribuições das descobertas freudianas e do ensino de Lacan possam lançar a luz sobre os ditos crimes imotivados, a questão da responsabilidade civil do sujeito em seus atos e a noção de imputabilidade no direito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de SOUZA, E. de. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- CAMPBELL, Robert J. **Dicionário de psiquiatria**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- CARNEIRO RIBEIRO, M. A. **A neurose obsessiva**. Coleção Passo a Passo. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- CHEMAMA, R. **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- ELBERT, C. A. **Manual Básico de Criminologia**. Tradução de Ney Fayet Júnior. Porto Alegre: Ricardo Lenz, 2003.
- FREUD, S. (1950 [1892–99]). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess: Rascunho H: Paranoia. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB)**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1980. vol.1
- _____. (1893–95) Estudos sobre a histeria, Josef Breuer e Sigmund Freud. In: **ESB**, op. cit., vol.2.
- _____. (1893) Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência. In: **ESB**, op. cit., vol. 3.
- _____. (1900). A interpretação dos sonhos. In: **ESB**, op. cit., vol.4.
- _____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **ESB**, op. cit., vol.7.
- _____. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (*Dementia paranoides*). In: **ESB**, op. cit., vol.12.
- _____. (1913 [1912–13]). Totem e tabu. In: **ESB**, op. cit., vol.13.
- _____. (1914). História do movimento psicanalítico. In: **ESB**, op. cit., vol.14.
- _____. (1916 [1915]). Conferências introdutórias sobre a psicanálise. Parte I: parapraxias. In: **ESB**, op. cit., vol.15.
- _____. (1923). A organização genital infantil. In: **ESB**, op. cit., vol.19.
- _____. (1924 [1923]). Neurose e psicose. In: **ESB**, op. cit., vol.19.
- _____. (1924a). A perda da realidade na neurose e na psicose. In: **ESB**, op. cit., vol.19.
- _____. (1924b). A dissolução do complexo de Édipo. In: **ESB**, op. cit., vol.19.
- _____. (1925a) Algumas notas adicionais sobre a interpretação de sonhos como um todo. In: **ESB**, op. cit., vol.19.
- _____. (1925b). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: **ESB**, op. cit., vol.19.
- _____. (1928 [1927]). Dostoievski e o parricídio. In: **ESB**, op. cit., vol.21.
- _____. (1933 [1932]). Por que a guerra? In: **ESB**, op. cit., vol.22.
- LACAN, J. (1932). **Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1987.
- _____. (1948). Agressividade em psicanálise. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 104–26.

- _____. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: **Escritos**, op. cit., p. 96–103.
- _____. (1951a). Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia. In: **Escritos**, op. cit., p. 127–51.
- _____. (1951b). Premissas a todo desenvolvimento possível da criminologia. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 127–31.
- _____. (1953) Função e campo da fala e da linguagem. In: **Escritos**, op. cit, p. 238-324.
- _____. (1953–54). **O Seminário, livro 1**: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- _____. (1955–56). **O Seminário, livro 3**: as psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- _____. (1957–58). **O Seminário, livro 5**: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.
- _____. (1959). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: **Escritos**. op. cit., p. 537–90.
- _____. (1960). Subversão do sujeito e a dialética do desejo. In: **Escritos**, op. cit., p.807–42.
- _____. (1962–63). **O Seminário, livro 10**: a angústia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.
- _____. (1964). **O Seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- _____. (1966). A ciência e a verdade. In: **Escritos**. Op. cit., p. 869–92.
- _____. (1975). **Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da psicanálise**. 9ª edição. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1986.
- LÉVI-STRAUSS, C. Introdução à obra de Marcel Mauss. In Mauss, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- LONGO, L. **Linguagem e psicanálise**. Coleção Passo a Passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- MASSON, J.-M. (Ed.). (1887-1904). **Correspondência completa**: Sigmund Freud para Wilhelm Fliess. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1986.
- NASIO, J.-D. **Os grandes casos de psicose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- PEREIRA, M.E.C. "Kraepelin e a criação do conceito de "Demência Precoce". **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, Volume 4, Número 4, dezembro de 2001, p.126–9.
- PESSOTI, I. **Os nomes da loucura**. São Paulo: Ed.34, 1999.
- QUINET, A. **As 4+1 condições da análise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- _____. **A descoberta do inconsciente**: do desejo ao sintoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- _____. **Na mira do Outro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

- _____. **Um olhar a mais:** ver e ser visto na psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- _____. **Psicose e laço social:** esquizofrenia, paranoia e melancolia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006a.
- _____. **Teoria e clínica da psicose.** Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006b.
- ROUDINESCO, E. **Jacques Lacan:** esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. **Jacques Lacan:** esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. Coleção Companhia de Bolso. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- ROUDINESCO, E. & PLON, M. **Dicionário de psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- SAUSSURE, F. (1916). **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 2006.
- SÓFOCLES. **A trilogia tebana:** Édipo rei, Édipo em Colono, Antígona. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- SOLER, C. “Los diagnósticos”, **Freudiana**, nº 16. Barcelona: EEP-Cataluña, 1996.
- _____. **O inconsciente a céu aberto da psicose.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- SOUZA, N. S. **A psicose:** um estudo lacaniano. Rio de Janeiro: Revinter, 1999.
- TOURINO PERES, U. **Depressão e melancolia.** Coleção Passo a Passo nº 14. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.

ANEXO

PRODUTO DA DISSERTAÇÃO

**I FORUM DE DEBATES
ENTRE A PSICANÁLISE E A CRIMINOLOGIA**

ORGANIZAÇÃO

Monica Henriques de Araujo Pereira

MARÇO de 2011

OBJETIVO

Este Fórum tem por objetivo ampliar o diálogo entre a criminologia e a psicanálise. A criminologia é uma ciência multidisciplinar que se dedica ao estudo dos contextos em que o crime se manifesta. Pode-se estudá-lo a partir da antropologia, da sociologia, da economia, da psicologia e da psicanálise. Freud, em “A interpretação dos sonhos” (1900), aponta o conteúdo de natureza imoral dos sonhos, ou seja, o núcleo do sonho transgride a lei. Daí, lançamos a questão: somos todos criminosos? Alberto Einstein e Sigmund Freud trocam correspondências cuja temática é a guerra e principalmente os aspectos humanos envolvidos na destrutividade e na crueldade. Desde os seus primórdios, a questão do crime interessa à psicanálise. Assim, temos o objetivo de ampliar este diálogo para que possamos dar a nossa contribuição ao estudo da criminologia.

HIPÓTESE

Tomamos um caso da clínica psicanalítica atendido em um ambulatório público, além de dois outros casos de Lacan: o caso Aimée e o caso das irmãs Papin, pois nos três os modos de enfrentamento são semelhantes, ou seja, a passagem ao ato criminoso. A psicanálise aponta para a construção de um trabalho que visa implicar o sujeito frente ao seu ato.

Pretendemos dar continuidade a nossa pesquisa estudando as relações da psicanálise com a criminologia para que as contribuições das descobertas freudianas e do ensino de Lacan possam lançar luz sobre os ditos crimes imotivados, a questão da responsabilidade civil do sujeito em seus atos e a noção da imputabilidade no direito.

METODOLOGIA

Para promover uma reflexão e até mesmo uma mudança de paradigma na maneira de pensar o ato criminoso, o Fórum contará com a apresentação de profissionais que atuam na Polícia Militar e no Tribunal de Justiça, além de psicanalistas.

O público-alvo são psicólogos, advogados, psicanalista e policiais interessados pela temática.

PROGRAMAÇÃO

08h00min às 08h30min – Entrega do material e credencial.

08h30min às 09h00min:

Abertura do Evento: “A Paranoia e a Agressividade – Contribuições ao estudo da criminologia”. Apresentação da tese de Mestrado em Psicanálise e Sociedade, defendida na UVA por Monica Henriques de Araújo Pereira.

10h00min às 10h30min – Coffee-Break

10h30min às 12h00min:

Palestra: “O Crime na visão psicanalítica”. Convidado: Prof. Dr. Antonio Quinet, psicanalista membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano e professor do Mestrado em Psicanálise da UVA.

12h00min às 13h00min:

Palestra: “O conceito de imputabilidade no direito” – Convidado: Marcelo Nogueira, Professor da Academia de Polícia Militar.

13h00min às 14h00min: Almoço

14h00min às 15h30min:

Palestra: “Psicologia e Criminologia” – Convidado: Prof. Dr. Pedro Paulo Bicalho.

15h30min às 16h30min:

Debate: “A Psicanálise a Criminologia”.

16h30min às 17h30min:

Palestra: “O adolescente em Conflito com a Lei” – Convidada: Prof.^a Érica Piedade.

17h30min:

Exibição do Documentário: *O prisioneiro da grade de ferro*. 123 min. Direção: Paulo Sacramento. Brasil, 2004.

Referências bibliográficas:

- FREUD, S. (1950 [1892–99]). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess: Rascunho H: Paranoia. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB)**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1980. vol.1
- _____. (1900). A interpretação dos sonhos. In: **ESB**, op. cit., vol.4.
- _____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **ESB**, op. cit., vol.7.
- _____. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (*Dementia paranoides*). In: **ESB**, op. cit., vol.12.
- _____. (1913 [1912–13]). Totem e tabu. In: **ESB**, op. cit., vol.13.
- _____. (1914). História do movimento psicanalítico. In: **ESB**, op. cit., vol.14.
- _____. (1916 [1915]). Conferências introdutórias sobre a psicanálise. Parte I: parapraxias. In: **ESB**, op. cit., vol.15.
- _____. (1923). A organização genital infantil. In: **ESB**, op. cit., vol.19.
- _____. (1924 [1923]). Neurose e psicose. In: **ESB**, op. cit., vol.19.
- _____. (1924a). A perda da realidade na neurose e na psicose. In: **ESB**, op. cit., vol.19.
- _____. (1924b). A dissolução do complexo de Édipo. In: **ESB**, op. cit., vol.19.
- _____. (1925a) Algumas notas adicionais sobre a interpretação de sonhos como um todo. In: **ESB**, op. cit., vol.19.
- _____. (1925b). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: **ESB**, op. cit., vol.19.
- _____. (1928 [1927]). Dostoiévski e o parricídio. In: **ESB**, op. cit., vol.21.
- _____. (1933 [1932]). Por que a guerra? In: **ESB**, op. cit., vol.22.
- LACAN, J. (1932). **Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1987.
- _____. (1948). Agressividade em psicanálise. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 104–26.
- _____. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: **Escritos**, op. cit., p. 96–103.
- _____. (1951a). Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia. In: **Escritos**, op. cit., p. 127–51.
- _____. (1951b). Premissas a todo desenvolvimento possível da criminologia. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 127–31.
- _____. (1953) Função e campo da fala e da linguagem. In: **Escritos**, op. cit, p. 238-324.
- _____. (1953–54). **O Seminário, livro 1**: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- _____. (1955–56). **O Seminário, livro 3**: as psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- _____. (1957–58). **O Seminário, livro 5**: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.
- _____. (1959). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: **Escritos**. op. cit., p. 537–90.

- _____. (1960). Subversão do sujeito e a dialética do desejo. In: **Escritos**, op. cit., p.807–42.
- _____. (1962–63). **O Seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.
- _____. (1964). **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- _____. (1966). A ciência e a verdade. In: **Escritos**. Op. cit., p. 869–92.
- _____. (1975). **Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- LEVY-STAUSS, C. Introdução à obra de Marcel Mauss. In Mauss, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MASSON, J.-M. (Ed.). (1887-1904). **Correspondência completa: Sigmund Freud para Wilhelm Fliess**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1986.
- NASIO, J.-D. **Os grandes casos de psicose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- PEREIRA, M.E.C. "Kraepelin e a criação do conceito de "Demência Precoce". **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, Volume 4, Número 4, dezembro de 2001, p.126–9.
- PESSOTI, I. **Os nomes da loucura**. São Paulo: Ed.34, 1999.
- QUINET, A. **As 4+1 condições da análise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- _____. **A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- _____. **Na mira do Outro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- _____. **Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- _____. **Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006a.
- _____. **Teoria e clínica da psicose**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006b.
- ROUDINESCO, E. **Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- SÓFOCLES. **A trilogia tebana: Édipo rei, Édipo em Colono, Antígona**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- SOLER, C. **O inconsciente a céu aberto da psicose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- SOUZA, N. S. **A psicose: um estudo lacaniano**. Rio de Janeiro: Revinter, 1999.
- TOURINO PERES, U. **Depressão e melancolia**. Coleção Passo a Passo nº 14. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)